FASTOS
LIBELLOS.—TRIST.—II= SEX EGO FASTORUM SCRIPSI TOTIDEMQUE
PORTUGUEZES
POEMA
POR
J. de Castilho

FASTOS PORTUGUEZES

JULIO DE CASTILHO

FASTOS PORTUGUEZES

POEMA EM SEIS LIVROS

1918
LIVRARIA FERREIRA
FERREIRA L.da, EDITORES
132-134, Rua Aurea, 136-138
LISBOA

Á MEMÓRIA

DO

GRANDE E INFELIZ POETA

P.[e] Francisco Manuel do Nascimento

(FILINTO ELYSIO)

Dedica respeitosamente esta modestissima
tentativa métrica

O AUCTOR.

Zoilos, estremecei, rugi, mordei-vos!
Filinto, o gran Cantor, presou meus versos

Bocage

Julio de Castilho del. Ameixoeira, Set.bro de 1898.

Advertencia

Escreveu Ovidio os *Fastos*.

¿E que são os *Fastos?* são o calendario romano posto em verso. Datas célebres, quadros historicos, movimentos astronómicos, festas religiosas, solemnidades cortesans, costumeiras plebeias, anecdotas minúsculas, tudo foi enramalhetado em hexâmetros e pentâmetros pelo prodigioso Poeta.

O Academico francez Antonio Maria Lemierre compôz em 1779 um poema *Les Fastes* em análoga afinação. Por mais que tenho diligenciado, ainda o não conheço. Consultei o hypercritico La Harpe, que o trata pessimamente.

O nosso Filinto Elysio entreviu a realisação de identico plano em portuguez. A sua tentativa, 140 versos apenas, no tomo IV das Obras do mestre, prova como se lhe descortinára o quadro. A invocação, a circumcisão, a entrada do anno novo, as

boas-festas, o reboliço das carroagens encaminhando-se para o paço pela calçada da Ajuda, a sala dos Tudescos apinhada de cortesãos, as folias aldeans, tudo isso deslisa no truncado cosmorama do grande linguista traductor do *Oberon*. Castilho, segundo lhe ouvi, tinha a maior pena de que Filinto abrisse mão de tal tarefa.

Veio uma vez ao meu espirito a mesma veleidade; atrevi-me; tentei o que quer que fosse.

Escolhi o estylo médio da conversação semiclassica no nosso decasyllabo sôlto, descendo ou subindo na clave quando o assumpto m'o impunha, e explorando a meu sabor o veio religioso, o historico, e até o mythológico para a explicação dos signos do Zodíaco.

Cedendo ás obsequiosas instancias de amigos, publíco estes primeiros seis Livros como tentativa, como consulta. Só peço critica severa, que me encaminhe; qualquer censura, pública ou particular, será bemvinda. Errar é humano; procurar emenda, pertence aos ânimos sinceros.

Epigraphe

. . . .

¿Por que não ha-de alguem emprehender, e levar ao cabo, o que Filinto Elysio tentou, ainda que (fôrça é dizel-o) sem grande felicidade: um poema dos *Fastos christãos e nacionaes?* A História portugueza, tão heróica, o *Flos Sanctorum* e as lendas, as festas populares, as origens das terras, as tradições locaes, as festas campestres, os variados trabalhos da vida agricola, as demolições e as criações do nosso tempo, mil novidades scientificas, industriaes, commerciaes, artisticas, politicas, etc, ¿não offereciam mésse illimitada ao ceifeiro poético mais intrépido? Se alguma coisa se pode a tal assumpto reprehender, é a superabundancia, e não a mingua. Não ha que desbravar; não ha que semear; tudo está nascido; tudo está em flôr, tudo está á mão, abundante, variadissimo, para todos os gôstos. E' a lampada de Aladino: esfregar, e pedir por bôcca.

¡Possa algum dos tantos mancebos, que por ahi nascem poetas, e se desfolham incultos e ignorados, como a flôr pelos mattos, ceder ás tentações d'este convite, e metter para o desempenho o necessario cabedal de boa vontade, de estudo e de diligencia!...

CASTILHO — Prologo á sua traducção dos *Fastos* de Publio Ovidio Nasão. — Lisboa — 1862.

LIVRO I

JANEIRO

I

Exórdio.

No intróito dos poemas uso antigo
era implorar as Musas, e captar-lhes
o auxilio sobrehumano. «Deusas, vinde,
«honrae vosso cantor, soprae-lhe o genio,
«infundi-lhe ousadia,»

Ao menos uma,

era sabido armal-a padroeira
ao encetado assumpto. O autor, submisso,
segregava-a do Pindo, e supplicava-lhe
patrocinasse a temerária empreza.
Perfez seu tempo a usança: as modas últimas
deixam vagar ociosas e tranquillas,
nas relvas de Helicónios arvoredos,
á margem de ribeiros sussurantes,
as donosas irmans do flavo Apollo.
Não é pois de temer que um vate obscuro,
cá nos confins da Europa, ouse pedir-lhes
pagans influições.
Não, não te invoco,
virgiliana, ovidiana Musa,
ou Musa horaciana. Vou á Missa,
soú moderno e christão, vivo no tempo
do auto-móvel, do electrico, dos auers,
dos fraques, dos jornaes. Fóra anachrónico
chamar a minha meza de trabalho
as filhas de Mnemósyne, a eloquente
Calliope, a loquaz Thalía, mestra
da Comedia, Polymnia, a da Rhetórica,
Eráto, e amavel tutelar dos lyricos,
Clio, a que sonda e immortalisa a História,
Melpómene, a sombria, em cujo pulso
vibra o punhal dos trágicos, Urânia,
scismadora da pagina astronómica,
Terpsicore, a subtil que rege a Dança,
Euterpe divinal que inspira a Musica,

todas coroadas de hera, e convidal-as
a annuir meneando as sacras frontes.

*

Só digo, em termos chãos, que é meu intento
gizar na tela um quadro enorme: aspiro
a cantar-vos na lyra portugueza,
fastos christãos, enumerar as festas
do anno civil, do religioso, os nomes
dos Santos principaes, as costumagens
inda vivas no povo, algum relance
da nossa História antiga; ouso, abalanço-me
a pôr em verso sôlto o Calendario.

II

Exposição.

A Musa que hoje imploro, é conhecida
de nobres e plebeus; bemvinda a todos,
gira no largo mundo em mil formatos.
Ora, austéra, suggere-nos o culto
dos Santos, diz as festas, as domingas
do Pentecostes e da Epiphanía,
lettras dominicaes, jejuns, e luas;
ora, risonha, traz charadas, versos,
contos, e tudo mais, até lembranças;
é da rua, e das salas; usa o titulo
de *Almanack*, ou *Folhinha*. Essa é a Musa
que venéro, que sigo, a que obedeço.

*

O thema é vasto. A procissão dos mezes
dá-me paineis a rôdo; a penna hesita,
porém, e desfallece.
— ¡ Ânimo! fôrça! —
me brada a consciencia. Com o auxilio
de Deus hei-de empenhar-me em consagrar-vos,
ó lusas tradições, embora a faina
seja longa, e o excessivo dos assumptos
me derrube no campo da tarefa.

*

Narração.

Janeiro é macambuzio e impetuoso;
folião Fevereiro e lamacento;
o estremunhado Março áureos sorrisos
descerra sobre os trigos, e é preludio
do aquoso Abril, que nos apresta Maio,
cheiroso Maio a abarrotar de flores;
Junho hospéda São Pedro, Santo Antonio,
São João, São Marçal; temos fogueiras,
foguetes, sortes; Julho colhe activo
as divícias da aceifa, e previdente
os granéis acogúla; ardente Agôsto
dispersa nas campinas verdiclaras
a turba cidadan; já com Setembro
veem os banhos; alegram-se as vindimas;
Outubro abre as escolas; a charrua

rasga o solo, e prepara as sementeiras;
enroupado Novembro, o mez dos Santos,
depois das devoções atira alegre
castanhas ao magusto; emfim, com as festas
do Natal, volve o pallido Dezembro,
a tiritar, a aconchegar-se ao lume.
Vamos, sem susto. O' livros, ajudae-me;
hei-de vencer; hei-de fixar na tela
esses quadros tão nossos; quero ao menos
bosquejal-os, por mostra do que fomos,
«se a tanto me ajudar engenho e arte».

* *

Invocação.

Caso invocar tentasse (á moda antiga)
um tutelar, chamava-te de Tomes,
lá das gélidas ribas do Mar-Negro,
peralvilho Nasão; ou, mestre, amigo,
Filinto, ao teu moimento ia acordar-te,
e render-te mil graças, pois teu plectro
me deu o alamiré. Se Ovidio em Roma
fastos de Roma assignalára, em Lysia
ensaiaste, Filinto, o magno assumpto,
a ouvido portuguez preludiando
as memórias dos fastos portuguezes.

III

1 de Janeiro.
—Anno-bom.

Ia a mais o aranzel; o autor é sempre
um falador cadímo; o seu regalo
é palrar; mas detenho-me; oiço os sinos,
os tão canóros sinos de Lisboa,
a chilrar festivaes, ao longe, ao perto.
Dá gôsto ouvir o enthusiasmo nobre,
com que enchem todo o ar, graves e agudos,
rolando em festa as sacras harmonias,
e as melodias rituaes. Percebe-se
na vibração das sonorosas ondas,
que vão festas na Egreja e na Cidade.

*

É dia de Anno-bom. Neste escriptorio
faz frio, que o fogão dissipa a custo;
mas o ambiente anima-se ao só nome
de dia de Anno-bom. Pelas estantes
os empoeirados livros, altos, baixos,
magros, obesos, com sorriso affavel
põem-se a olhar para mim; e o meu tinteiro,
já velho amigo, e de meu Pae lembrança,
dá-me não sei que urbanas boas-festas.
Tinteiro, que assim finges ser um globo
entre emblemas de sciencias, letras, artes,

recorda-me um tal Pae, e incita o filho.
Eu proprio, melancólico relapso,
eu, cuja vida é o culto das saudades,
sinto um júbilo interno, um regosijo
que me restaura, um ar que me remóça.
Neste praso do inverno ha primavera.

*

Faz um tempo lindissimo; desfralda-se
por sôbre os sete montes da cidade
um ceo todo crystal. Na freguezia
já me chama aguçoso o campanario
á festa inicial dos dôze mezes.
Na rua, guapos domingueiros ranchos;
nas casas muitas flores; nas crianças
franca alegria, que illumina os velhos.
Já me trouxe o correio duas duzias
de bilhetes amaveis, incluindo
um do proprio carteiro insidioso;
e as folhas da manhan, todo cortezes,
dando trégua ás politicas, tributam
por dez reis parabens aos assignantes.

*

Seja assim; o contágio do alvorôço
melhora a coração. Todo o Rocio
por velha usança distribue aos lares

gôrdos perús, que logo, em mezas lautas,
hão-de gosar o seu triumpho pósthumo.
A praça da Figueira inexhaurivel
sabe que chega um dia grande, e mescla
entre couves, linguados, e repôlhos,
boninas invernaes. As collarejas
sob o lenço vistoso abrem sorrisos
aos matinaes freguezes; e nos côvos
anhos, patos, cabritos, balam, grasnam,
choram, a nostalgia dos oiteiros.

IV

Circumcisão do Menino Jesus.

Vamos; á Missa.
O' Calendário, dize-me
qual é a festa. Entendo-te: memora-se
o Menino Jesus, que circumciso
foi, do rito judaico em cumprimento.
A augusta Sé da moira Lissibona
traja galas; o Antístite celebra;
ha communhões geraes; a chusma acode,
por honra d'este Reino Fidelissimo.
Graças aos Ceos! vai crença em muita parte;
e a despeito dos sórdidos conselhos
de levianos jornaes, prosegue o culto
á sombra das abóbadas sagradas
em todas as parochias lisbonenses.

Depois da Missa deixo, obsequioso,
uns cartões com o meu nome a várias portas
nesta porta do anno; e nas artérias
de transito maior vou ver os coches,
coupés, caleches, tropas a cavallo,
e generaes, e bandas estrondosas,
deslizando ao bom sol. e a toda a pressa,
a caminho da Ajuda.

V

Beija-mão no paço.

— ¿ O que é a Ajuda ? —
pergunta o forasteiro.
E' o paço, onde hoje
vão acolher os Reis a Côrte em pêso.
A immensa mole, classica, solemne,
no oiteiro occidental ergue o seu vulto,
e alastra a longa renque das vidraças.
No marmóreo frontão fluctua ao vento
o vermelho Estandarte. Ao som das musicas
chega a turba; apeou-se a pouco e pouco.
Dragonas, plumas, peitos recamados,
casacas e calções, gravatas brancas,
murças episcopaes, capellos, beccas,
sobem a alcatifada escadaria
enfeitada de nitidos archeiros,
e espalham-se nas altas amplas salas.
Ha cortezias, parabens, olhares
humildes, e sorrisos protectores.

Das commendas o brilho traz realce
ás fardas dos civis e dos de guerra.
Conhece cada qual Fulano, prócere
de alta prosápia, admira o democráta
Cicrano congraçado, e as novidades
que rutilam no peito de Beltrano.
Tito estuda sorrisos; Caio apruma-se
por ter vencido uma eleição; Sempronio,
Cicero comarcão, perora ufano,
e crê-se o salvador da lusa Patria.
Os mais, com ar composto e commedido,
falando a meia voz, pisando leve,
saudando com piruetas graciosas,
são pasto á observação, bons exemplares
de vaidade submissa. Em cada rôsto
lê-se a satisfação de um rei pequeno.

*

Lá dentro el-Rei recebe o Ministério,
o Côrpo diplomatico, e as figuras
do seu serviço; feito o quê, desanda
nas coiceiras a porta escancarada
sôbre o salão Real. Ao fundo, em throno
elevado em degráus, já os Senhores
aguardam a apinhada companhia.
De um lado as Damas; no fronteiro os Grandes
da Côrte officiaes.

Entra primeiro,

primeira sempre, a Camara dos Pares;
depois os Deputados; vão por ultimo
os Edís lisbonenses. Cada côrpo
por bôcca do emproado Presidente
leu uma allocução.
Segue-se a bicha.
A Marinha de guerra, os Militares,
a alta Burocracia, os Conselheiros,
Prelados, Lentes, Tribunaes, e Titulos,
sem precedencias vão passando em fila,
vão cortejando el-Rei profundamente,
beijando a mão das lindas Soberanas,
e sahindo. A final, exhausta a casa,
entra a Real Academia em grupo,
corteja, e sai.
— Não posso ser primeira —
diz ella; — seguirei no encalce a todos;
no coice hei-de encontrar a primazia;
última sou. —

*

— ¡Vaidade das vaidades! —
murmura algum philósopho enjoadiço,
ou Salomão de contrabando.
Engano,
engano; isto é a fórma; é a harmonia;
é a ordem social; é o equilibrio;
mútuo respeito, a convergir num ponto.
Apinhado de coches, todo o largo

vai, lento, e lento, despejando as levas,
e volve o paço ao seu silencio avíto.

VI

Festas na cidade.

Em quanto ali, nas salas do grão Chefe
se presta reverencia á Monarchia,
cá fóra os vastos bairros jubilosos
celébram festa e gaudio em cada casa:
visitas, trajos novos, comprimentos,
presentes, e jantares; usos velhos,
que em vão tenta expungir quem não alcança
quanto é de proveitoso unir os povos
num pensamento bom.
Nas largas ruas
as mercearias guapas regorgitam;
entre flores sorrindo o confeiteiro
não tem mãos a medir; de barba feita
cada barbeiro avía cem freguezes;
e o loiro, o que foi Daphne, o que adornava
as frontes triumphaes no Capitolio,
enastra a porta aos talhos que se présam.
Do saudoso Passeio successora,
a Avenida ouve música de estrondo;
o elegante namora, e põe violetas
na lapella do fraque; os pequenitos
na ventura de esplendidas bonecas
tocam as raias da ventura humana.
Dia feliz, que um anno inteiro adeja

nas memorias; florído início do anno;
pórtico sorridente... ¡quantas vezes
aberto sôbre lagrimas!...

VII

**1 de Janeiro de 533.
— S. Fulgencio,
Bispo de Ruspe.**

O Santo,
de quem trata a Folhinha e resa a Egreja,
é Fulgencio, que aos brilhos d'este mundo,
a que lhe davam jus o sangue e as posses,
o retiro antepôz de agro mosteiro;
varão douto e piedoso, erguido á cáthedra
africana de Ruspe. Com a palavra,
com a penna, foi athleta; atormentado,
mas sem ceder, comeu o pão do exilio;
sempre na brécha, heroe da Fé mais pura,
neste dia da era de quìnhentos
trinta e tres ascendeu da Glória ao premio.

VIII

2 de Janeiro. Abertura das Côrtes.

Com a humildade do asceta hoje contrasta
(dois de Janeiro) a gala que Lisboa
presenceia cada anno. Alas de tropa
orlam as ruas; rútilo cortejo

de reis d'Armas, aráutos, passavantes,
e emplumados garridos cavalleiros,
leva o Monarcha á sala de São-Bento.
¿ Que vai fazer? ler na sua voz sonora
um discurso de esplendidas promessas,
e descerrar a pálrea ás duas Camaras.
¡ Possa Deus allumiar-vos, delegados
da Nação! ¡ possa o espirito inflexivel
do bem, da fé sincera, e da sciencia,
guiar-vos, paladins da Liberdade!
Mas... ¡ quanta vez na audaz arremettida
falseais a missão! sim: ¡ quantas vezes,
feiticeiros vistosos pyrotéchnicos
de vazía oratória, sois o escandalo
do bom-senso e da luz, malignas rémoras
da náu Governação!
Se comprehendesse
cada qual seu papel, a lusa terra
com tanto sol, com tanto engenho, e tanto
senso-commum nas classes dirigidas,
daria á Europa exemplos de cordura.

IX

6 de Janeiro. — Os Reis.

Já vezes cinco o astro solar dos dias
se atufou no alto mar. Ao sexto, a Egreja
celébra os Reis, que adoram Deus Menino.

*

No berço jaz, vagindo entre os cuidados
da Mãe feliz. José, suspenso, atónito,
vê penetrar a inesperada pompa
de tres Grandes; solemnes, reverentes,
ajoelham. A Virgem, com delicias
de alegre sôbre-salto, os vê beijando
a pequenina mão do Filho; offertam-lhe
joias, incenso, myrrha, e accezas lagrímas
de respeitosa commoção. No estábulo
divina luz acclara a scena; e fora,
no ceo de Bethleem, a estrella d'alva
brilha serena a illuminar o campo.
¡Quadro assombroso! ¡em frente ao pobre e humilde,
Belchior, Balthazar, Gaspar, tres Magos,
os Reis!
Por isso os Reis vão hoje ao templo
memorar estas glorias da Judéia,
e a Sé de Lissibona entraja galas;
e por isso tambem os pastelleiros
vendem o *bolo-Rei*, que em fava occulta
distribue passageiras realezas,
no jantar da familia, em quanto fervem
parabens, e espumosas de champanhe
vão tilintando as taças crystallinas.

X

7 de Janeiro de 1325. — Morte d'el-Rei D. Diniz.

E se falo de Reis, lembro que a sete
do vigesimo quinto de trezentos,
na alcantilada Santarem se extingue
o grande Dom Diníz. Trajaram lucto
a Agricultura, as Lettras, a Politica;
afundou-se no báratro do tempo
um singular varão, tronco robusto,
a que se enlaça o roseiral da Santa.
¡ Glória ao bom Rei, que em suas mãos bemditas
empunhou lyra e sceptro, e previdente
os espinhos do Throno transmudava
em fructos de oiro ao seu pupillo, o Povo!

XI

7 de Janeiro de 1355. — Morte de D. Ignez de Castro.

Passados annos trinta, o mesmo dia
viu assombrado a lugubre tragedia,
em que tres Cavalleiros valorosos
mancharam seus brasões. Ignez de Castro
em Santa Clara Ignez de Castro é morta;
e as filhas do Mondego o caso infando
« longo tempo chorando memoraram ».

*

¡Quanto ella amou! ¡quanto ella foi amada!
Altos cedros da fonte dos amores,
paços de Santa Clara, verdes antros
dos jardins de Coimbrá, que assististes
de Ignez e Pedro aos extasis divinos;
vós, aragens, que a fronte e as tranças d'oiro
beijastes á gentil *Collo de garça*
debruçada no eirado a ouvir o Principe;
tu, lua, que nos ermos da alta noite
colheste, entre os murmurios do Mondego,
aos dois tantos arrulhos namorados;
dizei, dizei se houve mulher algures
tão querida como ella, se houve amante
tão ditoso como elle, idolatria
como a de Ignez; e se houve ao cabo angustias
como as de Pedro, furias e rugidos
de tigre e de leão, quaes lh'os ouviram
(e inda os ouvem) Coimbra, o Reino, o Mundo.

XII

7 de Janeiro de 1531. — Grande terremoto em Lisboa.

¡Oh! basta, basta. Correm mais dois seculos,
e essa data fatal traz-me á lembrança
o tremor, que ó Lisboa sempre minha
te assolava nos annos de quinhentos

trinta e um. Inda trépido de susto
nol-o conta o chronista; e nós sentimos
o esboroar de casas, templos, torres,
e o pávido clamor de um povo inteiro.

XIII

8 de Janeiro. —
Findam as férias.

Sete soes se atufaram no Occidente;
tange o sino no oitavo. Eia, estudantes,
eia, entrae. Como sonho se esvahiram
as férias que o Natal vos offertára:
gargarejos de amor pelas travéssas,
á luz da lua «que não tem parceiro»,
e cavacos no Gelo e no Martinho.
Tristes vão, sobraçando os semsabores
livros, que o tédio mais pesados torna.
Lembram rebanho, que no monte ao pasto
andou livre e saltão, e que os rafeiros
afucinhando aos seus redís compellem;
ou aves, que entre ramas volitavam,
e que um bruxo encerrasse em vil gaiola.

XIV

14 — de Janeiro de 1659. —
Victoria nas linhas d'Elvas.

Boas fadas (quatorze de Janeiro
de cincoenta mais nove apoz seiscentos)

comtigo andaram, Portugal, nas horas
em que audaz Cantanhede alfim rompia
contra a forte Castella as linhas de Elvas.
Sobe a Marquez, e funda o grão Meneses
a casa senhoril dos Marialvas.

XV

14 de Janeiro de 1759. — Expulsão dos benemeritos Padres Jesuitas.

Mas... nem tudo são rosas. Corre um seculo,
e a mesma data carranqueia lugubre.
E' expulsa a Companhia; o rancoroso
Pombal, a tripudiar-lhe nos escombros,
olvidando os talentos, as virtudes,
(elle, ¡ tão grande !), arroja ao vilipendio,
Loyola e Xavier, vossa obra augusta;
obra em que fulge o Espirito celeste,
e em que palpita a Fé e a Caridade;
obra honesta, que a inveja dos sectários
persegue e calumnía; obra espantosa,
filha de Deus, e como Deus eterna.
¿ Quem, melhor que esses homens perseguidos,
mantém o don do ensino, arroteando
os corações boçaes ? ¿ Quem dá, como elles,
a norma da cordura e da constancia?
¿ Quem sabe unir, como elles, a palavra
ao facto, o exemplo á parenése, erguendo

tão alto a Cruz, mostrando-a a Reis e Povos
luminosa de affectos sobrehumanos?
Honra aos Jesuitas. Luctas e tormentos
são-lhes crysol; calumnias e martyrios
são-lhes fogo sagrado, que depura
a humana imperfeição, e em que se elevam,
como a Phenix da pyra, aos Ceos e á glória.

XVI

16 de Janeiro de 1818.— Fallecimento do Doutor Antonio Ribeiro dos Santos.

O' dia dezasseis; annos dezoito
contava o ultimo seculo, e Lisboa
no seu bairro da Lapa viu finar-se,
exhausto de fadiga, o venerando
cultor dos versos e da Historia, o sábio,
o incançavel polygrapho, o primeiro
chefe da Bibliotheca lisbonense.
De Ribeiro dos Santos a memória
é culto a todos nós, os que lidamos
(embora humildes) em eguaes tarefas.
¡ Honra ao cego vidente, ao mestre, ao grande!

XVII

21 de Janeiro. — Entra o Sol no signo do Aquario.

Vinte e um. No Aquario o Sol entrou.
O Aquario
é d'el-Rei Tros o tão formoso filho,
raptado aos ceos nas duras garras da aguia
para escanção de Jove. ¡ Oh! ¡ que saudades
de Troia o moço em lagrimas curtia,
em quanto a ave Real fendendo o ether
o arrebatava para sempre ao mundo!
— ¿ Onde estais, — suspirava soluçando —
campos da minha patria, ó largas ribas
do mar, areias de oiro que eu pisava
quando ia lá banhar-me ? O' Xanto ameno,
que entre salgueiros sussurravas, lares
de meu pae, ó meu pae que eu tanto amava,
¿ onde estais ? ¿ quem me arrasta ?...—
A ave num prompto
o depõe ante os áditos do Nume.
— Vem — lhe diz Jove, — vem, formoso, toma
a urna que te entrego ; és meu ; socéga ;
sou Jupiter. — Tres vezes o mocinho
quiz encarar a lumiosa fronte :
tres vezes succumbiu. Elle o confórta,
dá-lhe a beber um gole de ambrosía,
brada-lhe : — ¡ Sús ! —
Eis surge Ganymédes ;

é signo, e entre os mais soes tem nome Aquario.
Com quarenta e dois astros se desenha.

*

Da urna inclinada as terras encharcando,
o Aquário vivifíca as duras brenhas,
infiltra-se no solo, os ares limpa,
presta alimento ás fontes e aos ribeiros.
¡Bemvinda a inundação! folga a nabiça;
reverdece o trigal, a horta, o bosque.
Em toda a Acháia as Náyas, exultando
com o transbordar das âmphoras aquosas,
preparam lympha ás sédes dos humanos;
e por Loires, por Chellas, por Marvilla,
vão sorrisos de gôsto nos canteiros.
A Hippocréne extravasa. No Chiado
triumpha abarrotado de gorgetas
o enroupado cocheiro; e os passeantes,
vendo em cascatas os beiraes, bemdizem
a invenção de galocha e guarda-chuva.
A chuva é o sangue da lavoira; afaga
a raiz do arvoredo, experta as flôres,
e impelle os rios ao voraz Oceano.
¡Viva a chuva!

XVIII

22 de Janeiro — S. Vicente, e o seu magnifico templo em Lisboa.

Com chuva amanheceste,
ó dia vinte e dois; e o bom Vicente,
o audaz Saragoçano, eis me apparece,
pallido, a escorrer sangue, envôlto em névoas,
a supplicar registo em minhas paginas.
Socéga, campeão: sou teu devoto;
conheço-te de muito, e noutro livro
te acolhi carinhoso; é que o teu nome
vive apegado á História portugueza;
tu, confessor e martyr, tens baluarte
em nossos corações.
Inda hoje as barcas,
ao deslizar na costa turdetana,
contemplam com terror a penedia,
onde dormiu seculos sete, occulto
pela mão da piedade entre barrocas,
o teu corpo sangrento, espedaçado
pelas mãos de Daciano. Sôbre escombros
do mosteirinho velho inda se avista
pairar a tua sombra. Affonso, o Grande,
trouxe a Lisboa a tua cinza; a abóbada
da cathedral vetusta inda a conserva;
e esse Heroe deu ao nome de Vicente

egreja colossal por sanctuario,
templo que el-Rei Filippe ergueu de novo,
brazão de Tercio, assombro da cidade.

*

Paço patriarchal de S. Vicente em Lisboa.

Logo á espalda do templo ergue-se um paço,
casa outr'ora dos Conegos Regrantes,
hoje solar patriarchal do nobre
Prelado lisbonense. Os azulejos,
os claustros, os salões, a escadaria,
os razes, os retratos venerandos,
tudo nos ressuscita as eras mortas.
Sempre álerta, sereno nas refrégas,
lhano a todos, prudente nas consultas,
é ver como o Pastor, bondoso e sabio,
d'ahi preside á vasta Diocése.
A sua mente é a almenára enorme,
que da nossa ignorancia acclara ás trevas;
o puro coração transvasa affectos
sóbre nós, qual nascente crystallina
flue de alta serra a fecundar o campo.
De graves vetustissimas lembranças
transbordam templo e paço; e quando os bronzes
retrôam nos sonóros campanarios,
dos devotos na mente acordam mundos.

*

¡Que visões! ¡que memórias sacro-santas
encerra a nossa Historia! ¡que doçura
no descobril-as hoje!
E' como á noite,
em provinciano albergue, estar sosinho
a remecher nas cinzas da lareira;
ouve-se fora o ramalhar das árvores;
uiva e braceja o temporal; fuzilam
raios no escuro; e aqui, d'entre memórias,
a mão revolve cinzas inda tépidas,
e o coração saudades sempre vivas.

*

Eis o que hoje succede á minha penna;
e perdoae se aos nossos fastos publicos
ouso mesclar a pessoal lembrança
do dia vinte e seis.

XIX

26 de Janeiro de 1800.—
Nascimento de Castilho.

Foi nestas horas,
que em Lisboa, a São Roque, viu Castilho
o primeiro raiar do sol da vida.
¿Quem dissera a seu pae, quando encantado

namorava o bercinho, que os vagidos
d'aquelle filho eram prenúncio certo
de immorredoira voz, humilde ensaio
de extremado cantor?!

— Sim — lhe bradava
em meigos tons alguma Fada occulta;
eis o honrador do nome teu. No cérebro
d'essa criança obscura ha luz, ha fôgo;
¡ parabens, pae feliz!

E o pae sorria;
lembravam-lhe os seus dias de mancebo
nas saudosas Bairradas, as agruras
da fugaz mocidade, os devaneios
de amôres juvenis; e erguendo graças
ao Deus bom, que dá pasto aos passarinhos,
murmurava:

— Meu Deus, que a prece escutas
dos que te amam, Senhor, faze que um dia
este nos honre, e, só, valha por todos.
Cumpriu-lhe os votos sábia a Providencia:
cinco annos já rodaram sôbre cento;
Castilho vive, e ufana as Lettras patrias.
Páro aqui, porque tímido «arreceio
«que louvor tão suspeito mal me esteja».

XX

31 de Janeiro de 1580.—Fallecimento do Cardeal-Rei.

D'este primeiro mez o último dia,
na era de quinhentos mais oitenta,
viu extinguir-se entre as Reaes grandezas
de Almeirim, curvo ao pêzo dos invernos,
ralado de incertezas e cuidados,
o bom Rei Cardeal. Das mãos exânimes
cahiu-lhe o sceptro, que entre sangue e morte,
dos areiaes do Moiro lhe chegára;
e de Alcacer-Kebir o desbarato
segunda vez se nos completa em luctos.

XXI

Festas de inverno na sociedade de Lisboa.

Detenhâmos aqui teu curso, ó estro.
Janeiro é findo; o ceo pesado e duro
com São-Pedro Nolasco e com São Cyro
cerra a lista do mez.
Abrem-se ás noites
theatros, circos. Os primôres scenicos,
e a seducção dos oiropeis dramaticos,
chamam a turba; o genio da Poesia
e o genio musical vertem nas almas
enthusiasmo, calor.

Por outra parte,
vai desusado alegre movimento
nos salões de Lisboa; festas, bailes,
congregam á porfia as sempre amaveis
phalanges da elegancia. A' luz dos lustres,
e aos sons da orchestra, cruzam-se, passeiam,
lanceiros e quadrilhas, ou deslizam
as graciosas valsas.

Quem prefira
ao rutilar das mundanaes grandezas
um giro ao campo, nas manhans de inverno,
que inda ás vezes teem sol, vê sem verdura
o arvoredo, sem folhas as latadas,
sem flôr as azinhagas, os arroios
sem lavadeiras, e nevoeiros humidos
toldando ao longe as serras escalvadas;
¡o somno, os desamparos da invernia!
Mas se assim dorme a Natureza, velam
nas quintas, nos casaes, os lavradores;
preparam o porvir: troncham as arvores,
que hão-de trazer-nos tentadora fructa,
empam a vinha, podam o olivedo,
sacham os cebolaes, e já nas hortas
te aconchegam em fertil terra preta,
ó planta do morango purpurino,
regalo á vista, seducção do olfato,
ao paladar delicia das delicias,
e rival do ananaz glória da America.

*

Conclusão.

Suspendo a penna. Afasta-se Janeiro,
e entra o seu successor.
A Natureza,
sempre bondosa, ás noites d'esta quadra
concede a cubiçada regalia
de luar sem rival.
— Não tem parceiro —
résa o ditado; só se o nosso clima
lh'o trouxer para Agosto. O ceo nocturno
é um sorriso, e pelo azul do espaço
gira, toda ella agrados, como noiva
feliz, á espera do seu noivo, a lua.
¡Diana! ¡Endymião!

*

Erguei-vos ora,
memorias festivaes, que neste praso
costumais restrugir; vinde; inspirae-me.
Hoje só digo com o prolóquio velho:
«Vae-te embora, Janeiro, vae-te embora,
deixa-me Abril e Maio, e sou contente».

LIVRO II

FEVEREIRO

I

1 de Fevereiro.
— Santa Brigida,
monja irlandeza.

D'entre a bruma invernal já Fevereiro,
a coxear com vinte e oito e vinte e nove,
reclama o seu logar. Entre, e com elle
a boa monja hibérnia, a santa Brigida,
filha do quinto seculo, e que inda hoje
vive na Historia para exemplo ao mundo.
A sua sizudez, o agrado austéro
no acolher transviados, a doçura
do seu falar, o seu precóce affêrro
á caridade, as fundações piedosas
que promoveu, e a graça com que usava
repetir, prompta sempre, e sempre meiga,

«Deixae vir para mim os pequeninos»,
toda essa lenda é como luz celeste,
que inda illumina o seu fidalgo vulto.
De Irlanda tres piedosos Cavalleiros
transportaram-lhe o crâneo ás lusas plagas,
a ti, Paróchia minha, que, prestando-lhe
culto annual, te ufanas, e a ennobreces.

*

No segundo do mez turba devota,
lavradores de Loires, da Malveira,
Loisa, Odivellas, Sacavem, Carnide,
afflue desde o raiar da madrugada.
E' um não acabar. Cavalgadores
de toda a casta, guapas camponezas,
jumentinhos, carroças enfeitadas,
chapeos de Braga, côcos e barretes,
jalecas e gabões, deslisam prestes
caminho do Lumiar. Na torre os sinos,
no adro hervoso o zunir das oliveiras,
animam libações mais que loquazes.
Do seu doirado altar a Monja santa
sorri sob um docel de flores novas,
num throno todo luzes, presidindo,
entre nuvens de incenso, á Missa grande,
em que o Prior celébra ao som do órgam.
Cresce o apertão nas naves; cresce a olhos
o alvo monte das céricas promessas;

ouve-se tintinar a taça argêntea,
onde os cobres cahindo são tributo
da geral devoção. Do templo em tôrno,
em volta do cruzeiro alvinitente,
vão as juntas de bois passando em fila,
e a grei balante e mança, ovelhas, cabras,
dos Menalchas e Tityros serranos.
No terreiro as barracas de bom vinho
palram por bôcca de ávidos freguezes;
e em tudo o observador, saudoso, attento,
de um Portugal que foi contempla quadros,
o Portugal das tradições caseiras,
da singelinha crença, em que assentavam,
como em base immutavel de alicerce,
duas Religiões: Familia, e Patria.
Se o pavilhão do ceo azul nos cobre,
diz o saloio: «Está por vir o inverno»;
se chove: «Eis o verão; temol-o á porta».
São barómetro aos filhos da lavoira
os sorrisos e as lagrimas da Santa.

*

Tal é, meu Lumiar, a festa rija,
que na affonsina veneranda abóbada,
e no terreiro em derredor, se hospéda
annualmente ha seculos.

II

**A Purificação de
Nossa Senhora.**

Agora,
na mesma folha o calendario indica-me
a Purificação.

*

Da Virgem Santa
o Filhinho, Jesus, conforme ao rito
no templo tem de ser apresentado.
¿Elle?! sim, Elle; as glórias do Messias
inda jazem occultas no mysterio.
E' Jesus um menino obscuro, ignoto.
Seu Pae, bem que de Reis derive a estirpe,
tem de cumprir as prescripções. A Esposa
é pura como os lyrios de Idumeia;
sabem os dois, que a concepção do Filho
foi obra só de Deus; mas, doce Virgem,
heis de aceitar as leis, mundificar-vos,
como outras mães, n'agua lustral do templo.
Partem de Nazareth.
A estrada é aspera;
as figueiras, os áloes, as palmeiras,
mesquinha sombra dão; e emtanto, as árvores,
na surda voz do mundo inanimado,
no ramalhar da aragem pelas folhas,
lhes segrédam confórtos e esperanças.
Cheios de submissão levam donários,

Maria e São-José; ¡ tristes offertas!
duas rôlas; ¡ que mais, sendo tão pobres!

*

. . . .
No horizonte, em que brilha o sol do Oriente,
eil-a emfim, com seus muros rutilantes,
seus zimbórios, seus finos minaretes,
a alta Jerusalem. No seu recinto
acolhe os fadigosos viajeiros;
mas entre o vulgo que nas praças ferve,
não ha quem diga:
— Ali vai um menino
predestinado a restaurar o mundo;
vai o Filho de Deus. —
Ninguem o sabe.

*

Caminham; buscam poiso; curiosos
entram no templo, illustre maravilha;
e mas tantas grandezas, tantas joias,
não os deslumbram; vão-lhes n'alma accezos
clarões do Ceo, que a turba não alcança.
D'entre ella um velho sai; presença nobre;
impõe veneração. Dos forasteiros
se acérca; respeitoso, em voz sonora
brada:

— Salvè; conheço-vos; sois filhos
da tribu de Judá; pressentimentos
me persuadem que um dia esse Menino
ha-de arruinar, e restaurar. Prestae-m'o;
quero erguel-o em meus braços; rendo graças
á Providencia; vi-o; vi-o; é Elle.
— ¿E quem sois?
— Simeão.
Soaram canticos;
exulta o povo; o ancião chora de jubilo,
e restitue, solemne e commovido,
o Menino a seus Paes.
Purificada
a joven Mãe, tremente de alegrias,
ao seu ermo voltou.
Tudo hoje a Egreja
na oração ritual relembra e canta,

III

Leitor, volvamos ora ás lusas chronicas.

*

2 de Fevereiro de 1387.
— Casa el-Rei D. João I.

Vai festejo na Côrte. Em mil trezentos
oitenta e sete, a dois, celébra o Porto
do heroe de Aljubarrota o fausto enlace,

e vê consolidada a régia estirpe.
Nas viellas, ornadas de damasco,
alcatifadas de espadana e areia,
magnifico e a sorrir caminha o Noivo
em pujante corcel; seguem-n-o os grandes
na longa estrepitosa cavalgada.
A Noiva, com ar tímido e sizudo,
entre o grupo das damas encavalga
airoso palafrem alviluzente,
que o de Braga Primaz á rédea leva.
Na sé do Porto o seu Prelado aguarda
ao feliz par, ao Duque de Lancastre,
e aos numerosos séquitos e povo.
. . . .

*

De volta ao paço a juvenil Rainha
vê congregada a flôr da côrte nova
no festim nupcial. Não a commovem,
ella, tão séria, as pompas; não a aturdem
hymnos de festa, vivas populares,
dos salões os custosos adereços,
o rutilar da meza esplendidissima.
Alheio á festa o pensamento esvoaça-lhe
nas regiões do sonho; a consciencia
diz-lhe em segrêdo: «¡Feliz mãe!»
Por longe
vislumbra, entre os nevoeiros do possivel,

o alvorecer de uma ninhada egrégia;
isso é que a preoccupa. Entre o florído
de um alardo Real só vê deveres;
é noiva; ha-de ser mãe; a educadora,
a mulher forte, ha-de ser ella; e proximas
avista as glorias puras de seus filhos,
«inclyta geração, altos Infantes.»

IV

2 de Fevereiro de 1701.
Nasce em Lisboa o Padre
João Baptista de Castro.

No mesmo dia dois nasce em Lisboa,
no anno que estreia o seculo dezoito,
um douto, que ao bufete levou annos
a lidar para nós. O *Mappa* d'elle
é primoroso de systema e estudo.
João Baptista de Castro, ¡Oh! ¡quantas vezes
folheio os livros teus, e te abençôo!
Onde quer que o teu pó sumido jaza,
saberás que o teu pobre candieiro
nos guia sempre, e o teu honrado nome
nos traz o commovido incitamento
dos conselhos de um pae.

V

4 de Fevereiro de 1799. Nasce no Porto o Visconde de Almeida Garrett.

A quatro, o Porto
viu despontar nas Letras lusitanas,
ao findar da centuria binovena,
um astro todo luz, que inda illumina
a Poesia, o Theatro. Entre as mais lídimas
a gloria de Garrett enche de orgulho
o Minho, o Douro, o Tejo, o Guadiana,
e pela Europa ecchôa em som de festa.
No alto friso do alcáçar da Memória
fulge esculpido em traços diamantinos
o nome de Garrett, e a obra d'elle
vibra nas boas almas portuguezas.

*

Eu por mim, digo d'elle o que dizia
de outro gigante Ovidio: Vi-o a furto;
Virgilium vidi tantum.
Na Lisboa
do anno cincoenta e tres tive a ventura
de avistar do *Frei Luiz* o autor sublime;
elle, em todo o esplendor; eu, um minusculo
estudante a ensaiar o *hora horae;*
elle, acclamado em toda a linha, e erguido

nos escudos da fama; eu, pobre anonymo,
deslumbrado de luz, e mal sabendo
destrinçar a vereda; elle, accessivel,
affavel, como grande; eu, constrangido
de timidez...

VI

**6 de Fevereiro de
1608. Nasce o Jesuita
Padre Antonio Vieira.**

Na historia garretteana
o Fevereiro quatro leva ao Porto
recordações gratissimas.
Lisboa
tambem as tem. A seis alvoreceu-lhe
em seiscentos e oito, a São Francisco,
o clarão de outro principe do engenho,
Vieira.
¿ E que direi de ti, gigante?
¿ Enumerar os dotes d'essa penna
milagrosa e fecunda, as tuas lides
na espinhosa Politica, o remanso
da tua cella entre o tinteiro e os livros?
Tudo isso Portugal memora ufano;
e ouve ainda a tua voz, quando na abóbada
dos templos acordava, trovejando,
o remorso nas almas peccadoras,
ou concitava ás pugnas pola Patria,

ou evocava heroes do Christianismo.
Num idioma só teu, em que a opulencia
corre parelhas com a facundia, foste
um Niagára de estro.

*

¡ Que leituras
com meu Pae nos teus livros, e que assombro
nos seus commentos tive ás tuas paginas!
A' noite, no conchêgo inspirativo
da sua livraria, ¡ quantas vezes
te ouviu attento, e me louvava absôrto
o teu saber, a esmagadora lógica
do teu argumentar, a graça leve
do teu dizer castiço, o ousado arranque
dos tropos, o meneio donairoso
das inversões, e as luzes repentinas,
com que o sagrado texto illuminavas
nos lampejos do genio!
Mestre, mestre,
vem ver como hoje tratam esta Lingua,
tua filha, teu amor, tua jactancia.
Acode; algaravia derrancada
inunda, afoga, infama os nossos prelos.
Ergue-te, vingador.

VII

O Carnaval

Deixando á fôrça
lástimas tão baldadas, escutemos
rumor de festa, que tropeia ao longe;
são as brutaes, as doidas alegrias,
que em dia incerto e vário traz aos povos
o gordo Carnaval. De um lado, do outro,
espreita, pula, e foge; estrugem guizos,
sôam risadas, guinchos, trompas, pífanos,
toda a folia, todo o accezo e bravo
do Entrudo portuguez. Lá fora, o mesmo;
reina franca alegria em toda a Europa.
Cambaleando, coroado de heras,
o ebrifestante Carnaval assoma
aos portões que lhe entreabre o calendario.
A custo guia o resignado asninho;
e esvasiando a espaços a borracha,
qual Sileno pagão, corre as cidades,
corre as aldeias, os casaes, as quintas,
entre os seus foliões e os thyrsos verdes.
Cosmopolíta prasenteiro, muda,
como Protheu, o aspecto, a forma, o trajo.
Em París é taful, fino, galante;
peralta em Nice, grandioso em Roma,
opulento em Madrid, brincão no Porto,
torrencial em Lisboa, onde por graça
se inunda o passageiro, e se faz d'elle

truão. O Carnaval é o symbólico
herdeiro, sempre moço e sempre alerta,
das Bacchanaes e Saturnaes.
Filinto,
bem o pintavas tu, quando as saudades,
entre as festas e os risos de Lutécia,
te arrancavam da triste exhausta lyra:
«¡Viva o meu Portugal! ! viva a laranja
que derruba o chapéo!»

*

Tal foi, tal era
inda ha pouco entre nós o alegre Entrudo.
Hoje trocado, e ás modas entrajando-se
de gente mais ordeira, na Avenida
ostenta esplendorosas cavalgadas,
e batalhas de flores. Foi-se a peça,
o esguicho, o desalinho do costume;
cançaram, e ¡inda bem! Vão, pouco e pouco,
as usanças ferinas de outras eras
perdendo o travo; ignóbeis grossarias
desapparecem manso e manso; o que eram
chistes na *Aschbouna* dos valís islâmicos,
na *inclyta Ulysseia* de seiscentos,
na *Lisboa* bifronte joannina,
na *Lysia* pombalina remoçada,
hoje são bailes, são *bonbons*, são máscaras,
são finas serpentinas multicores,

cavalgadas, intrigas, flores, versos.
Lucrámos, sim, mas tento, não queirâmos
macaquear sem tom nem som, perdendo
tudo que nosso foi, falseando o rosto
da antiga povoação, e obliterando
a graça intraduzivel de Lisboa.

*

Abrem-se as salas; os theatros enchem-se.
Ao portão de um Marquez de raça gôda
páram coches; velludos, sedas, oiros,
sobem a escadaria illuminada.
No rico lar de farto *brazileiro*
sôa rebate ao *cotillon*, que mescla
fadas e moiros, gregas e cruzados.
Na agua-furtada trêfegas coristas
bailam o *rasga*. Ao toque das violas,
por essa enfarruscada Moiraria,
pulam chéchés com varinada máscula.
Se vai bom tempo, nos quintaes de Alfama
luminosos balões enfileirados
dão folga aos mesteiraes até sol fora.
Sai a dança da Bica, outras de Alcantara.
Tropeia com dichotes picarescos
a arraia brava do Mocambo e Esp'rança
ao compassado trus das castanholas.
Em summa: esta alegria desmandada,
desabafo ao lidar de um anno inteiro,

move a cidade, atrôa-lhe os suburbios,
enche os jornaes... e as partes da policia.

*

Mas... como tudo acaba, mais dois dias,
e é findo o Entrudo. A fria madrugada
vê passar, á luz baça d'essas ruas,
os mascarados ultimos. Chovisca,
pois lá diz o anexim: «Se em Fevereiro
não chove, não ha prado nem centeio.»
Os temulentos vultos, desgrenhados,
ao volver dos theatros já se cruzam
com os matinaes padeiros. Bocejando
vão *pierrots*, vão *vegetes*, vão *peraltas*,
a cabecear. Fecharam-se espectaculos
e bailes; extenuada a gran Lisboa
enceta a luctuosa quarta-feira.
¡Bello triumpho, ó Carnaval! nas galas
que trajaste de empréstimo, deixaste
os tropheos de tristissimas victorias;
quasi tão tristes, como os ais dos sinos,
que dobram nos esguios campanarios.

VIII

Quarta-feira de Cinza

¡Quarta-feira de cinza! Eil-o, o momento,
em que as almas piedosas se aparelham

para a magra contrita quarentena,
que antecede a Semana lacrimosa.
¡Cinzas! ¿E que é o homem, se não cinzas?
¡Lagrimas! ¿E que somos, se não lagrimas?

IX

Domingo de ramos

O Domingo de ramos alvorece.

. . . .

Na jumentinha branca, entre os discipulos,
Jerusalem, teus sacro-santos muros
entrou Jesus. E' um moço grave e pallido;
ressumbra-lhe do olhar melancolia,
e um não-sei-quê celestial. Caminha;
o seu ar soberano e intelligente
realça-o a modestia. Vão sabidos
em toda a Galileia, em toda a Syria,
os seus actos de Fé, e a bemquerença,
com que espalhava em prédicas divinas
o perdão, a doçura, a caridade.
De muito longe as turbas apinhavam-se
ao seu encontro, a atapetar de palmas
o caminho, a saudal-o, a veneral-o.
Era Jesus o Santo dos prodigios,
o Bemfeitor, o Bom. Cada um contava
actos seus, a eloquencia do seu verbo,
a mansidão da sua voz, o affecto
no reprender, as curas que fizera,

e a graça com que os tristes consolava,
dizendo-lhes: «Irmãos, ¡feliz quem chora!»
E só se ouvia ao longo do trajecto:
—¡Hosanna ao Filho de David! ¡Bemdito
o que em nome de Deus a nós se acérca!
¡Hosanna para sempre nas alturas!—
E inda alguns perguntavam:
—¿Quem é este?—
Bradavam outros:
—E' o amigo.—
Entrado
ao templo, ahi prégou doces parábolas,
de tanta profundeza, e tão suaves,
que o povo boquiaberto o venerava.

*

Os doutores da Lei, neste entrementes,
alta noite, enliçados do demonio,
em casa de Caiphás agremiados,
conspiram morte ao Justo recem-vindo;
só discordam no modo e tempo asado
de o colherem ás mãos.
Abre-se a porta,
e introduz-se no lugubre synédrio
Judas Iscariotes, seu discipulo,
té ali seu companheiro.
— Eis-me — prorompe; —
nada de indecisões; contae comigo;

vamos: ¿ quanto me dais, se vol-o entrego? —
— Trinta dinheiros. —
— ¿ Trinta? aceito a avença;
a minha astucia ha de o prender. —
Sahiram,
horas mortas, cosidos com as paredes,
cautelosos, no escuro das viellas,
e fiados em Judas.

*

No outro dia
ao descahir da tarde, exhausto e triste
foi-se Jesus a orar, mais os discipulos,
ao sombrio jardim das oliveiras.
Era longe; ia mudo, aprehensivo.
— ¿ Que tens, Mestre? — inquiriram; e Elle a custo
— ¡ Ai! não sei; sinto n'alma um desamparo,
uma tristeza... que me lembra a morte. —
No ermo e no escuro o ramalhar das arvores
infundia terror.
Christo apartou-se;
e em joelhos, e olhando aos Ceos, bradava:
— Meu Pae, Senhor meu Deus, se inda é possivel,
afastae-me este calix de amargores;
se não, cumpra-se a Lei. —
Volvendo ao grupo,
disse:
— Fugi de tentações, orando,

vigilando. —

Afastou-se, e orou de novo,
como em ancias de morte; e de mãos postas:
— Meu Pae, se inda é possivel, arredae-me
dos labios este calix de amargura;
se não é, cumpra-se a vontade vossa. —
E tornou para os seus. Os pios lugubres,
os gemidos da aragem no arvoredo,
tudo eram funeraes melancolias.
Nisto, entram-se a escutar por longe vozes
de plebe amotinada; archotes luzem;
vem um tropel sanhudo a aproximar-se.
Entre os mais lá vem Judas.

Segredando
aos conjurados, diz:

— Muitos discipulos
estão com o Mestre; eu, que o distingo, achego-me,
beijo-o na face; o que eu beijar, é vosso;
é elle. —

Christo e os seus, quêdos, immoveis,
aguardam. O doloso Iscariotes
inclina-se; e a sorrir:

— Senhor, saudo-te. —
Beija-o. Eis o momento; avança a chusma;
prende-o; e entre silvestre vozaria
lá vai Jesus, que manso e sem protesto
se deixa maniatar. Como assombrados
ficaram os discipulos. Arranca
Pedro a espada, e fere um do povo. E Christo:

— Embainha, meu Pedro. E vós, que vindes
para prender-me, eis-me; levae-me. —
O vulgo,
aos encontrões, aos brados, o arrastava
caminho da cidade, entre impropérios,
como blasphemo e subversor infame.
E assim vão pelo escuro, á luz dos fachos
á casa de Caiphás (Era nesse anno
elle o primaz do clero).
— ¿ Quem me trazem ? —
pergunta.
— Um impio, um malfeitor.
— Oiçâmos
testimunhas. —
E um grita:
— Este homem teima
ser o Filho de Deus. —
Caiphás inquire:
— Reo, dize: ¿ é isto assim ? —
Jesus responde:
— E'. —
Surpreso, pasmado, o sacerdote
cheio de horror as vestes dilacera,
e diz:
— Basta; é blasphemo. ¿ E que decide
o povo ?
— ¡ Morra ! ¡ morra ! — a horda ruge.
E aos repellões o vão levando, e apupam-n-o
como a um pobre idiota, azurragando-o

numa porfia de odios, e cuspindo-lhe
no macerado rosto. Em taes desmandos
foi toda a noite um sem-cessar de affrontas.
E Elle, o acclamado de hontem, grave, serio,
sem saber querer mal aos seus verdugos.

*

Cumpre lembrar, que, nessas horas mesmas,
o remorso, que a Judas devorava,
a Caiphás o levou.

— ¡ Tu ! ¿ E a que és vindo ? —

E elle a custo :

— Lacera-me a consciencia ;

fui traidor ao meu Mestre. ¡ Christo, Christo,
quanto eu te amava ! Satanaz tentou-me,
enliçou-me. Reponho este oiro infame,
preço do vilipendio que me escalda.
¡ Meu Divino Jesus !... —

Lavado em lagrimas

arrojou o oiro, e foi, como possesso,
ás cegas, enforcar-se num pinheiro.
E ali ficou, por toda a eternidade,
bambaleando o espectro da deshonra.

*

Confirmação do torpe julgamento,
faltava o beneplácito de Poncio,
Governador romano da Judeia.

A' seguinte manhan, no seu telonio
sentado estava a despachar, quando entra
o populacho infrene, e em altas vozes
de «¡Morte! ¡Morte!» lhe apresenta Christo,
meio despido, maniatado. Poncio,
senhor do caso, e do viver purissimo,
e das prédicas placidas e ordeiras
de tal reo, inclinava-se á clemencia;
apavorou-o a grita do vulgacho;
e inda assim, perguntava cauteloso,
como a abrir-lhe sahida:

—Vamos, dize:
¿Não és Rei dos Judeus?...

—E Elle, sereno:
—Sou.

—Povo, —brada Poncio —isto é um louco;
mandae-o em paz.—

Redobram alaridos
cheios de odio.

—Não, nunca; ¡morra! ¡morra!—
Acobardado o chefe, e as mãos lavando
perante o povoleo, declara trémulo:
—Lavo as mãos do assassinio d'esse justo;
crucificae-o embora.—

A's ameaças
da horda alvar cedeu a cobardia.

. . . .

*

Com assombro da Historia ahi começa
de vez, entre requintes de maldade,
a longa, o ominosissima jornada,
até ao scelerado monte Gólgotha,
de Jesus, insultado, apedrejado,
esbofeteado, escorraçado, morto
na Cruz, com maldições de um povo inteiro.
Correu sangue, que os seculos não lavam.
Drama horrendo, infamante á raça humana.
¿Narral-o? ¿e para quê? todas as mentes
o repetem com lagrimas. A Egreja
na luctuosa Semana o commemora
no alterno cantochão dos seus levitas.

X

A Paschoa.

Uns dias mais, e á eterna gloria surge
das trevas do sepulcro o Homem Divino;
eis a Páschoa, a alegria, a renascença.
Luz, flores, orações, órgãos, repiques,
celebram a conquista da verdade,
a Alleluia geral.
Eis o que os povos
presenceiam no templo; festa movel,
que as festas annuaes concerta e rege;
quadro estupendo a reviver cada anno.

XI

11 de Fevereiro de 1288. — Criação dos Estudos geraes.

De outro renascimento resa a História
no undecimo do mez.
Seculo treze,
contavas oitenta annos com mais oito,
quando uma Paschoa alvoreceu ao mando
do liberal Diniz nas plagas lusas.
Os Estudos-geraes com grande pompa
se instauram em Lisboa. A mão damninha
do tempo não valeu a obliterar-lhes
o nome, e o sitio. A nossa velha Alfama
inda *Escolas-geraes* mantem a custo
em vetustas paredes.
Convidados
por el-Rei veem os mestres forasteiros
de melhor nome e porte; cada cáthedra
é disciplina a entendimentos safaros.
Só Bolonha na Italia, na Britannia
Oxford, París na França, nos disputam
primasias no tempo; e á voz sympáthica
do Poeta coroado, a nossa Terra
das cultas sobe ao rol na culta Europa.

*

A alegre estudantina enche as escolas
mancebos, que ociosos se esvahiam

té'li na obscuridade, agora entrados
aos hombraes dos estudos, dão á Patria
o saber e o talento. Junto ás armas,
terror do Moiro expulso, reina o livro.
Em mil trezentos e oito o previdente
Rei, por furtar a mocidade ás loucas
delicias de Lisboa, abre as escolas
longe, longe, em paragem mais tranquilla,
nas remançosas beiras do Mondego.
Coimbra, inda lembrando em suas chronicas
glorias de Attaces, de Sisnando e Henrique,
aos laureis marciaes antepõe Letras.

*

Passo por alto as vezes, que a Lisboa
volvem de novo as aulas. Quando o seculo
decimo sexto os trinta e sete conta,
tornam de vez á placida Coimbra.

*

Virentes sinceiraes, ¡como acolhestes
a juvenil togada companhia!
¡Que bem vos soube aquella turba alegre,
que ora povôa as tortuosas ruas!
Os seculos deixaram constellada
de nomes immortaes, unica em tudo,
a Coimbra da brava estudantina,
a nobre mãe de altissimos poetas,
a póvoa senhoril, que entre mil joias

numéra ufana as vossas arcarias,
claustros de Santa Cruz, o vosso encanto,
lago dos cedros, fónte dos amores,
hospitaleira lapa dos esteios;
a terra das nocturnas guitarradas
ao luar; a Coimbra donairosa,
que embora se corôe soberana
de alcáçova Real, banha descalça,
a sorrir e a cantar, como as tricanas,
os brancos pés nas aguas do Mondego.

XII

8 de Fevereiro de 1199. — Fundação da Ordem da Trindade.

Quando oito soes numéra o mez, reclamam
menção dois benemeritos. Findava
o seculo duodecimo; deveu-lhes
fundação a Ordem santa da Trindade.
Foi este o caso:

*

Com denodo heróico
lidava a espada em prol da Cruz. Vencia
por Christo as sanhas bravas do Islamismo,
arroteando as almas, e levando
luz ás trevas do barbaro Oriente.
Viam-se longes terras inundadas
em sangue de christãos; e eram sem conto

os que lá suspiravam nas masmorras,
arrastando cadeias, e finando-se
a sós no desespêro das saudades.
¡ Luta implacavel de duas grandes raças
imigas figadaes! ¡ Triste dilema!
ou morrer no combate, ou nos ergástulos
comer o pão de vilipendio e lagrimas.
Perante a escravidão, ¡ bemvinda a morte!

*

¿ Quem podia valer-lhes, consolal-os,
mitigar-lhes a fome? ¿ Quem lograva
ser o anjo bom de tanta nostalgia?,
pergunta o coração. Responde a Historia:
— Ninguem. —

¡ E quantos d'elles se finavam
nos areiaes do Moiro, sem o balsamo
dos confortos christãos, sem que os chamasse,
em nome do Deus bom da sua infancia,
a voz de um Padre ás horas da agonia!

*

Surgiu então no escuro do horizonte,
como fanal do Ceo, a Caridade.
Foi ella. Foi a vóz de dois ascetas,
São Felix de Valois, São João da Matta.
Persuadindo, mendigando, orando,
importunos talvez, mas sempre a postos,
ousaram o milagre.

Concitaram

por toda a parte os ânimos, unindo-os
num pensamento: a esmola. Elles, os tristes,
os mendicantes, arrostando firmes
com o mar, com os duros climas, com as agruras
da fadiga e da fome, elles, os pobres,
foram ás longes plagas, pressurosos,
ao captivo levar a liberdade,
e ao carcereiro o preço da alforria.
— Olhae lá, ¿ quereis cobre ? ahi tendes oiro;
dae-nos nossos irmãos. —
E sem descanço,
e sempre alerta, iam britando algemas,
e remindo captivos, e trazendo-os
assombrados á Patria, ao deleitoso
associêgo do lar.
A' nobre prédica
adheriu logo o Portugal piedoso.
Nos occidentaes ermos suburbanos
da brilhante Lisboa, em mil duzentos
noventa e quatro, ali, onde hoje surgem
de um bairro nobre as senhorís grandezas,
ergueram um mosteiro os caridosos
Trinos da redempção.

*

¡ Que bello é ver-vos
sempre unido, senhor, a ideias grandes,
ó grande Dom Diniz! e a minha penna,

ao traçar no velino o vosso nome,
de jubilo estremece. Vós e a Santa,
austéra mãe dos pobres, bafejastes
a sympathica empreza; ergueu-se o povo
unânime a amparar os novos filhos
do claustro novo; e ahi se viu por seculos
florir o culto, com o exemplo claro
do zêlo e da virtude.

Se no Tejo
abriam vella os galeões, sabia-se
que entre os bravos da guerra iam os homens
da paz e da oração; já barra em fora
navegavam; e o povo repetia
nos altos miradoiros e nas praias:
— Lá vão, lá vão ao mar. Bemditos monges!
operarios sem paga, lutadores
sem montante, guerreiros sem coiraça,
levando longe, em nome do seu Christo,
consolações a tantos desgraçados
desconhecidos seus. —

¡Oh! foi sublime
aquella casa monachal. Nas eras
de um Portugal de outr'ora, nas agruras
do viver do homem de armas medievo,
foi um fanal aquelle poiso mystico.
¡Que bençãos não colhestes pelo mundo,
Trinos da redempção!

¡E inda ha rebeldes,
e inda ha quem lhes denegue o justo preito!

XIII

13 de Fevereiro de 1668. — Conclusão das pazes de Portugal com a Hespanha.

No dia treze d'este mez, nos annos
de mil seiscentos mais sessenta e oito,
alegria bem justa commemoras,
ó tombo nacional, em teus registos.
Depois de guerra tormentosa e longa,
Portugal vencedor saúda a Hespanha,
e o Leão de Castella ao Brigantino
Dragão se abraça emfim, coroados ambos
de laureis realçados de oliveira.

XIV

16 de Fevereiro de 1279. — Morre em Lisboa el-Rei D. Affonso III.

Seculo treze, annos setenta e nove
contavas, quando viste el-Rei Affonso,
terceiro d'este nome glorioso,
a dezasseis do mez cerrar os olhos
nos paços senhorís da nossa Alcáçova.
Perdoado haja Deus os seus desmandos,
as suas ambições, e não o firam
lá no mundo immortal os vãos lamentos
do desthronado e despojado Sancho.

XV

20 de Fevereiro. — Entra o sol em Piscis.

Diz-me o almanack em vinte: «O Sol em Piscis.»
A historia vou narrar; mas annuncio
aos leitores christãos, que d'esta feita
vai ser Mythologia a minha fonte;
risonha fonte, onde bebeu Virgilio,
e d'onde Homero e Ovidio dessedentam
inda hoje sêdes de Arte a todo o mundo.
Vamos á velha fábula.

*

Aos gigantes
sobrelevava em posses e estatura
o sanhudo Typheu, da Terra filho
e de Titão. Criado na Cilicia
entre selvas, e só, cêdo foi mestre
na caça a monstros, no escachar pinheiros
brandindo-os como clava, e dos planaltos
no arrancar e arrojar penedos grossos.
Tôrvo no olhar, e intonso, era das brenhas
o terror com seus lugubres rugidos.

*

Certa alvorada, em Maio, ia passando
por Chypre; eil-o avistou numa abra excusa

Aphrodite a banhar-se; olhou; deteve-se.
Rompia o sol, menos gentil que a deusa;
e a deusa, nua e linda, á luz rosada
que lhe beijava o torso, os alvos membros
nas aguas descuidosa esperguiçava.

*

Typheu áquella vista pasma; occulta-se
traz da serra a espreitar; o olhar lascivo
devora uma por uma as graças d'ella,
ceva-se no praser de a ver tão prestes.
Num sôpro desce á praia, e extende os braços.
— Filha da espuma, ó Cypria, — diz — escuta
o amor que me incendeia, e que é tão grande
como eu sou. —
Venus foge espavorida
ao fragor de tal voz; corre, e as areias
mal piza; ora com as mãos o seio occulta,
ora o furtivo olhar ao monstro volve;
súpplice, e cada vez mais tentadora,
nos sustos do pudor geme indefêza.
Typheu para ella cresce; em tres andadas
vai deslisar nas orlas do profundo.
Ella entranha-se ao mar, e grita:
— Salva-me,
Neptuno... —
Aquelle timbre angustiado
fez o prodigio. Peixes dois surgiram,

e offertaram-lhe os dorsos escamosos;
este recebe á mãe, o outro a Cupido,
que, sem ver o que perto lhe passava,
na alva areia alvas conchas recolhia.
E os dois lá vão, cortando as salsas ondas,
qual setta, que da mão do Partho errante
despedida silvou; correm; só param
do Euphrates para além.
Aos ceos assumptos
foram de prompto os dois corceis marinhos:
e na abóbada azul o alto Zodíaco
os vê brilhar, eternos, immutaveis,
em trinta e quatro ou trinta e nove estrellas.

*

Typheu, morto de amor, accezo em ira,
atrôa ao longe o cóncavo das serras.
Abysmado na furia e na saudade,
fera vindicta emprende: erguer-se, armar-se,
e remetter com o Ceo. Congrega os socios,
que açodados concorrem; o Ossa, o Pélion,
o Olympo, a grão poder encastellados,
são a escalada. Os túmidos gigantes
a investem; suam, trepam rocha e rocha;
fincam-se, pés e mãos; alturas vingam
descommunaes; vão perto...
Encara-os Jupiter,
vibra o raio, e derrue a mole immensa.

Correm deuses em tôrno ao Rei dos numes;
— Se ha risco, eis-nos, senhor — bradam unísonos.
Porphyrion, que em secreto a Juno amava,
cai fulminado; a Encélado sepultam-n-o
os torrões que ora formam a Trinácria,
d'onde inda golfa lume; a Polyclétes
sorve-o a ilha de Cós. Minaz Vulcano
com a sua clava ardente a Clyto prostra;
a Agrio as Parcas; a Hippólito Mercurio;
o Neptunino Ephialto, e os mais, com a vida
pagam o torpe ousío; e em taes destróços
vinga o Ceo a escalada dos gigantes.

*

Repito: apóz as chronicas divinas
pode extranhar alguem, que insôssas fábulas
ousem na narrativa intrometter-se.
Sem razão. Muitas fábulas são pista
de vetustas histórias, disfarçadas
no transparente veo da allegoria.
E de mais: este livro mariposa
suga onde mais lhe apraz; é no banquete
das Letras (expressão do velho Andrada)
salada singular de varias plantas.

VXI

25 de Fevereiro de 1819.
— Morre Filinto.

Falei de um sabedor da Lingua nossa;
outro venha, e primaz entre os primazes.

*

Decimo oitavo seculo, correram
annos trinta e mais quatro; eis que o vigesimo
terceiro de Dezembro á luz brotava
o raro engenho de Filinto. A glória
de lhe haver dado o ser cabe a Lisboa.
Sinos de São Gião, vós repicastes
no baptismo do Mestre, que nas Letras
deixou tamanho sulco. Transcorridos
annos oitenta e cinco, a vinte e cinco
de Fevereiro, desterrado e pobre,
a alma rendeu ao Deus da sua infancia;
París o viu morrer. Volvido á Patria,
emfim dorme entre nós; o seu moimento
no Alto de São João contém mysterios
de penúria e de acerba nostalgia.
Inda hoje os fadigosos peregrinos
da charneca poetica o saúdam
qual marco milliario. O bom Filinto
já não tem de esquecer; é o alto symbolo
de amor patrio infeliz, estro, e saudades.

5

XVII

27 de Fevereiro de 1295. — Fundação do Real mosteiro de Odivellas.

E agora, em quanto esta janella franca
me descobre entre as arvores, ao longe,
os oiteiros da mystica Odivellas,
recórdo que este mez, a vinte e sete,
fundava el-Rei Diniz nuns mattos bravos
o mosteiro Real: anno duzentos
noventa e cinco.
O alegre Val-de-flores,
poiso das realengas montarias,
praso-dado aos galantes cavalleiros,
trocou-se em nobillissimo cenóbio;
lá jaz o fundador.
Onde se ouviam
bradar monteiros, relinchar cavallos,
latir cães, businar trompas de caça,
ergueu-se em torno do seu nobre claustro,
cercada de arvoredo, a grande casa
das vestaes do Senhor. Ao som dos órgãos
ergueram vôo para Deus os psalmos;
e os lavradores do arredor benzeram-se
quando a torre sineira badalava,
no fim da tarde, a santa Ave-Maria.
¡Que progresso moral!
Do que era outr'ora

no seu tempo de fausto aquella casa,
pouco resta que admirem forasteiros.
Nas festas do mellifluo São Bernardo
(inda as vi), ¡que apinhado reboliço!
O templo era vergel de murta e flores;
arrazes as paredes revestiam;
nas lágeas um tapete de espadanas;
e no côro educandas e professas
ramalhete de plácidas boninas.
No engalanado *couto* dava volta
a procissão; e os sinos repicando,
e os foguetes zunindo, annunciavam
aos casaes da virente cercania
devoções rituaes de cinco seculos.
A' noite, luminarias e descantes;
¡que bello quadro!; e como revivia
nos corações o Portugal de outr'ora!
Tudo é findo; a mão barbara do tempo
deu mate ás glórias puras de Odivellas.

XVIII

Fevereiro de 1510.
— Conquista de Gôa
por Albuquerque.

Mas se é sonho isso tudo, e se ruinas
são os retiros monachaes, por obra
da triste assoladora *liberdade*,
os registos da História nos consolem,

lembrando-nos a bellica façanha
que em quinhentos e dez, no mesmo dia,
a Albuquerque illustrou, quando o seu pulso
ao Hidalcão arrebatava Gôa.
O soberbo Hidalcão com pezo de armas
surge; cincoenta e cinco mil infantes,
cinco mil cavalleiros, postam cêrco
á cidade captiva; os Portuguezes,
um punhado de gente, entrincheirados
resistem; cresce a furia aos sitiantes;
fervem assaltos, corre-se ás trincheiras;
e o grande capitão, baldado o exfôrço
com que porfia, ao Moiro larga a presa,
e só mezes depois a reconquista.

XIX

Trabalhos ruraes.

Já com o dia vinte e oito se despede
glacial Fevereiro.
Os lavradores
nas terras portuguezas plantam árvores
de fructo e sombra, e enxertam as nascidas.

XX

28 de Fevereiro de 1498.
— Aporta Vasco da Gama
em Moçambique.

No anno noventa e oito, quando o seculo
decimo quinto fenecia, o Gama

ia abicar á clara Moçambique,
na jornada feliz, que as lusas Quinas
em padrões pela costa ia implantando.
¡Que nomes immortaes! ¡Gama! ¡Albuquerque!

XXI

Conclusão do livro.

Colhâmos vellas nós tambem, e á sombra
dos palmeiraes da Ilha, ante o anilado
mar, que lhe beija as praias, aguardemos
o proximo raiar do verde Março.

FIM DO LIVRO II

LIVRO III

MARÇO

I

Alegre entrada do mez.

Vem, Março marcegão, que inda te ufanas
de pertencer a Marte. A glórias d'essas
queres do coração, com ser tão vário,
que tens, diz o anexim, de manhanzinha
rôsto de cão, e de verão nas tardes,
tu, cujo ceo de nuvens se encastella,
tu, cujo sol por entre as ondeiradas
como maço nos fere, e até no asylo
do paço queima a dama. ¡Sê bemvindo!
entras a verdegar pelas montanhas,
e assopras as aragens fecundantes,
que polvilham nos cálices sequiosos
o polen gerador de fruto opímo.
O trigo aponta; a flor da amendoa alveja;
terno rôxo de ephémeras glycinias

reveste os muros dos jardins; o gado
encontra pasto; ancioso o quintaneiro
sorrindo á porta do casal madruga,
contempla as chans, os olivaes frondosos,
e vê proximo o abrir das novidades.
Vem, Março marcegão, que uniste o nome
a uma festa annual da Virgem Santa.
Com teus claros patentes horizontes
és o festivo hombral da Primavera,
mas teimas em deixar nos nossos hombros
o paletó forrado; opportunista
serves inverno e estio; a mal não levo
que assim faças... á laia dos politicos.

II

Calendas de Março
entre os Romanos.

Tuas calendas, Março, eram outr'ora
renascença geral. A' deusa Vesta
as castas mãos da gran sacerdotisa
estreiavam no altar os novos lumes.
O triduo dos Ancilios, as Hilarias,
as Matronaes, as Minervaes, as loucas
Bacchanaes, a patusca Anna Perena,
de que o pincel de Ovidio deixou quadros
á Téniers, entretinham as cidades,
chamavam povo ao templo e ás romarias;
tudo isso já lá vai.

*

Nós, folheando
o almanack, celebramos-te as calendas
com Santo Adrião, o luso São Rosendo,
e a Beata Mathia de Nazáreis.
E' que os tempos mudaram; sôbre escombros
de cultos aluidos a Verdade
ergueu-se triumphal. Bem procedeste
em trocar tu tambem crenças mal firmes
pela alta luz christan que rege o orbe.

III

1 de Março de 1476.
— Batalha de Toro.

Espreitemos o que hoje em quatro centos
setenta e seis presenceava Toro.

*

Cêrca do Duero, em ferteis plainos, ergue
Toro, a moirisca, as suas negras torres,
inda quiçá lembradas da matança
que o solo lhe encharcou.
Cheios de exfôrço
se avistam dois exercitos. Castella
e Portugal vão pelejar. Fernando
capitaneia aquelle; este proclama
seu chefe a Affonso Quinto. Os Castelhanos
partem-se em troços dois, que teem por guias

o seu Rei, e Mendoza; os Portuguezes,
em dois troços tambem, teem por cabeças
de um el-Rei, do outro o Principe.
Tremulam
num campo e no outro armorejadas signas,
reluzem elmos, lanças, armaduras,
e um frémito de ardente enthusiasmo
nas hostes estremece.

*

¿ O que os arrasta
assim, tantos galhardos lidadores,
ás fainas de tal pugna? ¿ O que os impelle
a terçar armas? ¿ O que leva uns e outros,
tão dextros sempre em justas e torneios,
tão firmes nos recontros com a moirama,
tão audazes no mar... á guerra súbita,
e quasi fratricida?! Os seus direitos.
¡ E é sempre assim, meu Deus! ¡ sempre a discordia!
¡ sempre a incerteza no criterio humano!
De Castella e Leão Fernando é chefe
pela altiva Isabel; Affonso inculca-se
das Castellas senhor, pela excellente
Joanna sua esposa.

*

Rôsto a rôsto
eil-os, os dois contrários. Vai renhida

a peleja, e tenaz de parte a parte.
O Principe Dom João, de espada em punho,
qual São Jorge no túrbido ginete,
rompe com os seus as hostes castelhanas,
e leva-as de rondão. A el-Rei Affonso
já destroçado e rôto, não lhe valem
prodigios de valor, desesperados
golpes de heroe. Sua Real bandeira
Duarte de Almeida empunha; o braço corta-lh'o
um montante inimigo; no outro braço
a afferra; cortam-lh'o tambem; nos côtos
sangrentos e nos dentes a segura;
cai varado de golpes, e o estandarte
portuguez os ferozes Castelhanos
rojam no pó.
Gonçalo Pires surge;
com um grosso de fieis investe-os, toma-lh'o,
aniquila-os. O nome de *Bandeira*
fica ao bravo soldado. Mas ¿que monta?
¿que importa o feito? Destruido, entrado
é o nosso campo, e em altas alaridas
clamam «Victoria» os terços de Castella.

. . . .

A' noite a lua allumiou sinistra
montões de mortos, a uma banda, á outra,
sangrentos, ferro em punho, inda ameaçando.

*

A retirada á fôrça pelas serras
a caminho da Patria, é complemento
d'essa jornada de maldito agoiro.
Retalhado de angústias volve Affonso
com lagrimas de furia, derruidas
para sempre as chiméras, e rugindo
como leão da Lybia, que sedento
de sangue, mas frustrado na vingança,
sacode a juba e se recolhe ao antro.

*

Triste exemplo dos odios, que infamaram
dois povos tão visinhos, tão conjuntos
por sangue e tradições; odio hoje extincto,
e transmudado em duradoiras pazes,
em mútua cortezia, em puro affecto.

IV

1 de Março de 1724. — Nasce D. Frei Manuel do Cenáculo.

Nessa data do mez inda lembramos,
nós, os lembrados, um successo illustre.
Em setecentos vinte e quatro nasce
em Lisboa Cenáculo, o Arcebispo

sabio e bom, cuja fama honra esta Patria.
E' na estrada das Letras obelisco
de fino mármor, que atravez das nuvens
os Ceos aponta. A Egreja portugueza
ufana-se d'aquelles noventa annos
tão cheios de tarefa e exemplos nobres.

V

2 de Março. — Indulgencia no mosteiro da Esperança.

Diz-me a folhinha:
«A dois tens Indulgencia
no mosteiro das monjas da Esperança.»

*

¿E que é d'esse mosteiro? ¿Onde sumiram
a bella frontaria azulejada,
o arqueado portal, que entre columnas
canelladas se abria, o longo páteo
enquadrado de muro, em cujo cima
se debruçavam árvores, e ao fundo
a lageada sonora portaria?
¿Que é feito do padrão, que em meio ao largo
com piedosas Imagens completava
o cenóbio? ¿Que foi do umbroso canto,
á direita, onde humildes se apinhavam

uns vetustos casebres quinhentístas
com suas rótulas verdes?
¿E qual d'esses
teria sido o hospicio, onde viuva,
alanceada de angústias, se aninhara
junto ao convento, entre o olival e as hortas
da Sizana, a tão Régia Caterina?
Fugiu todo esse quadro saboroso,
que deu nos olhos ao sagaz Raczynski.
¡Pobre edificio! edís iconoclástas
na furia de arrazar nol-o varreram
sem vergonha e sem escrupulo.

*

¡Que vezes,
naquella velha abóbada hospedeira,
ouvi mancebo o Sacrificio santo!
A talha, os azulejos, os altares,
a devoção da turba, e lá no côro
cantar de Seraphins ao som do orgam,
elevavam o espirito dos crentes
para um mundo melhor. Todo o Mocambo,
crianças, ovarinas, pescadores,
loquaz confusa grei de expatriados
de Vagos, Estarreja, Aveiro e Ilhavo,
ali tinham confôrto e caridade,
que só mãos femininas aprenderam
com os Anjos do Senhor.
Hoje uma rua

recta e banal qual furacão se alastra
sôbre o chão que foi claustro, e sepulturas,
e templo. ¡ Parabens, ó Liberdade!
teu fito é destruir.

VI

**Destruição dos mosteiros
pelos reformadores de 34.**

E não só este.
¡ Quantos outros santuarios, grandes, nobres,
arrazou tua ignóbil picareta!
¡ Quantos por todo o Reino deshonraste
em usos profanissimos, calcando
tu, Liberdade, a liberdade alheia!
¡ a vontade dos mortos! ¡ os mais firmes
contratos, doações, e testamentos!
¡ violando sem pudor asylos santos,
que Deus abrira ao desamparo e ás lagrimas!

*

Enganou-te, leviana Liberdade,
a ancia de demolir; a picareta
a um lado, ao outro, aniquilou thesoiros;
¡ fatal obcecação!
Mas dos politicos
(mercê de Deus) nem todos commungaram
no odio ao passado; alguns, entre a anarchia

do audaz *liberalismo*, mantiveram
o amor ás tradições.

VII

**8 de Março de 1807.
— Nasce no Fayal o
Duque de Avila.**

A ponto assoma
de Março o oitavo sol, que em oitocentos
e sete viu nascer nas amenissimas
regiões do Fayal um bom, que erguido
por trabalho, talento, austeridade,
á corôa ducal, foi um luzeiro
da nossa terra. O grande nome de Avila
é symbolo. Ministro activo, honesto,
em tudo via a Patria; a cima d'ella
só Deus.

Quero que um dia um curioso,
correndo a caso o meu poema, tope
esta Cruz solitaria entre o arvoredo,
e diga: — Este foi grato. —

Inda recordo
a paternal bondade, com que um Grande
do nada me arrancava, me entregava
espontâneo, sollicito, os destinos
de uma longinqua terra, e me dizia:
— Parte. Do meu Fayal, que me foi berço,
vae ser o amigo, o defensor. Caminha,

trabalha; a estrada é aspera; os escólhos
são muitos, bem o sei; mas vence os sustos.
E quando lá da praia contemplares
o immenso mar que nos separa, pensa
que os meus votos de longe te acompanham.
Perdeste um Pae; tel-o-has em mim.
Correram
annos trinta; esta pagina sentida
é d'elle; o devedor paga-lhe a mêdo
uma divida enorme em verso humilde.

VIII

Falei do mar. ¡Ao mar! abramos vellas.
Em frente de Lisboa o Tejo espalma
a nacarada esteira; aos nossos olhos
bemvindo é sempre o Tejo, quando espreita
d'entre uns telhados, ou realça ao longe
os azues da Outra-Banda, ou vem quebrar-se
pelas orlas do Aterro. Então tem feros
de pélago indomado. Aquelle Tejo
é de Neptuno, e é nosso; os Portuguezes
vêem nelle um companheiro. Quando as chronicas
nos falam nos mareantes, estremece
o nosso coração; como que ouvimos
o Bemdito resado a bordo á noite,
o truz das ondas no embreado casco,
o içar ou arrear das peças mestras,
o vozear da manobra; presenceamos

o deslisar das quilhas escabrosas
por mares nunca d'antes navegados.
A's histórias maritimas concentra-se
a attenção; quero pois narrar agora
uma história do mar.

*

8 de Março de 1500. — Sai de Lisboa Pedro Alvares Cabral, que em 4 de Maio seguinte descobre o Brazil.

A vellas sôltas
vão caminho das Indias navegando
treze naus. Enlevada as viu Lisboa
postada nos seus leves miradoiros
deslisar Tejo a baixo (oito de Março
de quinhentos) ao mando do famoso
Pedro Alvares Cabral.
Já barra em fora
apontaram ao sul, e vão singrando
em rota firme, contrastando os euros,
ou vencendo as nojosas calmarias.
A audaz companha, ao marulhar das ondas,
ao claro sol do trópico, antegosa
magas visões das Indias que procura.
O Oceano já conhece os Portuguezes;
e as sereias, ouvindo a nossa falla

respondem-lhe a cantar. Nas férreas prôas
contra o esporão repucha a argentea espuma;
e o grão Capitão mór na azul planicie
estende o ancioso olhar, que estrellam sonhos.

*

Uma bella manhan toldam-se os ares;
sibila o vento no cordame, e as ondas,
como corceis indómitos, atiram
pulos té ao convéz. Rizado o pano,
apresta-se a manobra; a faina cresce;
por bombordo e estibordo os negros cascos
soffrem o embate do inimigo undoso.
Dispersou-se a conserva; a capitaina
corre em árvore sêcca longas noites,
longos dias de angústia.
                    ¿Aonde os leva
esse tropel? ¿á India? não; lobriga-se
o Cruzeiro; e os sextantes dos pilotos
mostram que os galeões se embrenham fundo,
cada hora a mais, nos golphãos do occidente.
As correntes e o vento os acceleram;
já não ha ter-lhes mão.
                    Quando raiava
de Abril o dia quarto sôbre vinte,
ao luzir da manhan grita o gajeiro:
— ¡Terra! ¡terra! —
                    E na frente, nebuloso,
desconhecido ante os olhares ávidos,

frondeja vasto enorme continente.
Sopram aragens prenhes de delicias.
Todos na tolda atonitos contemplam
um abeirar de praia ignota e larga,
um desdobrar de luminosas serras,
de multicôres fundos arvoredos,
de bahias patentes, hospedeiras,
inundadas de sol. Vem nas bafagens
halito ardente rescendendo a flores.
Com teus sêrros gigânteos, d'entre as névoas
da distancia, desvenda-se a sorrir-lhes,
terra de Santa Cruz, teu vulto immenso.

*

Numa bahia vasta, cautelosas,
a meio pano, acercam-se, dão fúndo
(quatro de Maio) as naus. ¡Que desembarque!
A' voz do chefe arrancam-se da matta
troncos, e engenha-se uma Cruz, que as praias
adórna de improviso; e junto d'ella
christão levita o sacrificio augusto
celébra entre christãos em plagas ermas.

IX

**14 de Março de 1312.
— Instituição da Ordem
de Christo.**

¡Na implantação da Cruz em mundos novos,
quantas de egual jaez scenas magníficas

não viram nossos nautas, quando a Patria,
quando a Fé, segredava aos peitos lusos
os milagres que a Fé e a Patria inspiram!
¡quando as façanhas dos maiores d'elles
remunerava a Cruz de Christo! ¡quando
a Monarchia, unida e veneranda,
livre e briosa, immune dos enganos
d'esta moderna astuta *liberdade*,
sem facções, sem traidores, congregava
todas as almas portuguezas! ¡quando
cifrava cada qual a sua norma
num só Deus, num só Rei, numa só Patria!

*

¡A Cruz de Christo! Essa milicia nobre,
em quatorze de Março de trezentos
e dôze á voz d'el-Rei Diníz nascida,
conta seculos seis de altos serviços
á Fé, á Patria, aos Reis. Agora serve
de premiar os galopins, que á urna
mais votos levam, por desgraça nossa
e escandalo do bem.

Viremos folha.

X

14 de Março de 1550. — Fallecimento de Francisco de Sá de Miranda na quinta da Tapada junto a Ponte do Lima.

Em quatorze, e no anno que a centuria
decima sexta dividia ao meio,
extinguiu-se um cultor abençoado
das nossas Letras classicas. O grave
Sá de Miranda no ermo da Tapada
desamparava as literarias leiras,
qual lavrador liberta bois e arado
ao tardo tintinar de Ave-Marias.
Musas, que tanto honrou, chorae, choremos
o artista da quintilha sentenciosa,
tão polída depois por Tolentino,
o philósopho, o mestre de uma escola,
amigo certo, e Portuguez de raça.

XI

19 de Março de 1434. — E' Fernão Lopes nomeado Chronista mor.

Ias em trinta e quatro primaveras,
seculo quinze; em Março, dezanove,
outro vulto immortal entre os melhores

sobe a Chronista mór. ¿ Quem ? o homem raro,
que envôlto ainda em névoas de incerteza
brilha como farol, e cujo estylo
singelo e sincerissimo é o enlêvo
dos que na excavação da História morta
vêem o supremo encanto.
Fernão Lopes,
ó ressuscitador de heróicos feitos,
¡ salve ! acceita a homenagem calorosa
que o mundo presta ao teu renome eterno.

*

Quando em ti penso, e evoco a tua sombra,
lembras-me, no silencio de uma cella,
debruçado ao bufete, a ouvir no claustro
chorar a fonte, ou ciciar as árvores,
grave luminador, que alheio a tudo,
impendente ao trabalho, devaneia
no velino, a pincel, os commentarios
do Génesis, dos Psalmos, do Evangelho.
O estro d'elle adivinha no passado ;
com leves coloridas cercaduras
o seu pincel subtil ás scenas bíblicas
presta realce ; enlaça flores mágicas
no verbo sacro ; accende em nossa mente
os clarões da verdade.
Fernão Lopes,
teu pincel literario, ingénuo, rude

como o do artista-monge, vibra, sente,
evoca o ser affectuoso e grande
do velho Portugal. O teu velino
é a nossa alma, onde o teu genio cria,
debuxa, pinta, sobredoira, a História.

XII

20 de Março. — Entra o Sol em Aries.

Vinte do mez. Entrado é o Sol em Aries.
Indispensavel é que a minha penna
forrageie outra vez mythologias.

*

Filhos d'el-Rei de Thebas Athamanto
foram Helles e Phryxo. Desconcêrtos
e dissensões domésticas levaram
o triste pae a odiar seus proprios filhos,
e a decretar-lhes morte.
— Irman — diz Phryxo —
fujâmos d'estes paços onde as Furias
reinam; a salvo em forasteiras plagas
vamos buscar asylo. —
Lacrimosa
Helles annue; e quando sôbre os muros
de Thebas, a amphiónia, desfraldava
seu manto a noite, ambos furtivos descem

ao réz do mar. Em vez de náu que os leve,
vêem um carneiro, cujo vello d'oiro
reluz na sombra. Grande, manço, firme,
encara os fugitivos, e taes vozes
sólta em segrêdo:
—Vinde; no meu lombo
podeis fugir d'essa infamada alcáçova;
um deus me invia; não temais.—
Acceitam;
cavalgam-lhe no dorso auri-luzente;
numa aurea ponta o moço as mãos afferra;
ao corpo d'elle se aconchega a misera.
O animal dá comsigo no profundo,
e, nadando, os navêga mar em fora.
Vão; transpõem Cyra, Antédone, Carystos,
e embrenham-se no Egeu. Myrtos e Tenos
já lhes ficam á pôpa. As ondas rugem,
e a solidão marinha é menos funebre
que o coração dos dois. De Lemnos e Imbros
vêem as praias ao longe, e entram no estreito,
marítima ante-sala ao Ponto Euxino.
Helles, exhausta de fadiga e sustos,
o somno espalha em vão; desfallecida
sólta os braços, resvala, e cai no abysmo.
A lua ao aterrado Phryxo mostra
a irman, que aos ais e aos brados se estrabucha
com as vagas, e succumbe. Em balde a chama
o carinhoso irmão com meigos termos;
debruçado, sollícito, em vão busca

roubal-a ao mar; afunda-se a donzella;
d'onde, esse mar tem titulo *Hellesponto.*
E o carneiro prosegue; e o joven Phryxo
piza as praias da Cólchide. Deu graças
aos Ceos; no cabo á insólita façanha,
grato a Mavorte o bruto sacrifica,
e o offerece ao deus; o deus por paga
ergue-o ao ether. Inda hoje em treze estrellas
no escuro do Zodíaco fulgura
o aurato glorioso Vellocino.

XIII

21 de Março. — Chega a Primavera.

¡Oh! ¿mas que importa o Vellocino agora,
se em toda a Natureza corre um frémito
de voluptuoso amor?! O mez já conta
dias vinte e um, quando nos horizontes
assoma sorridente a Primavera.
Abre as portas do ar, e diz travêssa:
— ¿Posso entrar? —
— Entra, linda perguiçosa;
já todos te aguardavam. ¿Que foi feito
de ti, que atraz de cerrações de nevoa
te escondias? —
— Vaguei por outros climas,
e eis-me de volta; a minha casa é esta;
eu sou peninsular. Não creiam nunca

em poetas que dizem ser eu Grega;
Gregos são elles. Quero-me comvosco,
meus Portuguezes e Hespanhoes. ¡Quem dera
que eu usasse guitarra! os climas límpidos
pedem guitarra, malagueñas, fado.
Cantar, sim; canto muito na harpa eólia,
em quanto colho dahlias em Coimbra,
assucenas em Napoles, camelias
na Madeira, magnólias na Trinácria,
jasmins na Andaluzia, bem-me-queres
na Ameixoeira, e em toda a parte rosas.
Vejam: trouxe do Egypto as andorinhas,
do Equador um bafejo, e de Cythéra
o amplo regaço a abarrotar de flores. —

*

E a ladina diz bem. Lisboa é outra;
o ar, puro e perfumado; as tardes, brandas;
na rua do Oiro um cheiro de violetas;
e no campo, em redor da gran cidade,
todo o cortejo amavel de Favónios,
Graças, Náyades, Nymphas, que enlevava
os poetas antigos, e aos modernos
(embora riam d'essas sombras velhas)
desperta a lyra, e o estro lhes fecunda.
E' a grande orchestra de afinados passaros,
que foi o encanto de Virgilio, Thompson,
Lobo, Castilho, e os mais; é a renascença

das almas para o bem, para a ventura,
e (¿ dil-o-hei ?) para nova mocidade.

*

O hortelão vai dispondo a melancia,
sorvete formosissimo de Agosto.
As ruas teem mais gente; ás ricas lojas
da Baixa e do Chiado vão freguezas,
graciosas galantes senhoritas,
deixados os regalos e velludos,
enfeirar cassas, rendas, e percales,
como ao longo das lojas da Subura
as peraltas da Roma de Trajano
iam comprar, com modos afanosos,
túnicas, camisetas, e regillas.
Resavam pelo mesmo breviario
aquellas, e as casquilhas de Lisboa.
No *Bijou*, nos *Gourmets*, e no *Baltrésqui*,
os pintalgados doces as reclamam,
como o pólen das flores na campina
ás doiradas levissimas abelhas.

*

E se em terras do sul vai tanta festa,
aqui, onde num clima temperado
nunca nos falta sol, ou pouco ou muito,
aqui, ás abas do calmoso Algarve,
aqui, onde rutíla o ceo das Beiras,

e onde se absorvem hálitos do Minho,
aqui, onde propícia fada entorna
da cornucópia as rosas de Amathunta,
¡que não será lá nas longínquas plagas
da Suecia e da Noruega, nestes dias
em que do gêlo o solo se desveste,
em que as árvores mortas abotôam,
os arbustos enfolham, e as semanas
da neblina invernal se vão trocando
na festa que se chama Primavera!
Apagou-se o fogão nas ermas salas;
todos saem ao campo; descoalharam-se
lagos e rios; vastos horizontes
inundam-se de luz; bosques, cidades,
aura pura e vital aspiram fundo.

XIV

24 de Março. — Instituição da Sagrada Eucharistia.

A vinte e quatro commemora a Egreja
um facto capital. Na Historia humana
não n-o ha mais alto.
A' meza, entre os discipulos
institue Christo a Eucharistia santa.
Silencio.
Assim como na Missa, quando
se eleva a Hóstia, a turba ajoelhada
recolhe a mente, e não se escuta um sôpro,

suspende os teus arrójos, Poesia,
e ajoelha tambem, saudando muda
a instituição do Sacramento.
— E' este —
disse Christo — o meu corpo; este o meu sangue.
. . . .

XV

25 de Março. —
A Annunciação.

Com as galas juvenis dos climas nossos
casa-se a festa grande, que as paróchias
memoram mal desponta o vinte e cinco,
da «Senhora de Março» dia e glória.

*

Foi este o caso:
Em sua pobre camara
vigilava Maria, aos Ceos erguendo
de uma alma virginal o olor purissimo.
Todos em Nazareth a veneravam
raro primor de graças e virtudes.
Meiga, innocente, os seus desejos e actos
cifrava em seus humillimos lavores,
e na oração. Ser boa filha, e casta
com José, seu marido, descendente
da nobre Casa de David, eis tudo

que mais queria. A flor de alta palmeira
não era mais virgínea e recatada
do que a doce Maria; elle, outro justo,
mantinha as leis da castidade austéra.
Casal feliz, que Deus, lá das alturas,
olhava como Pae.

*

Orava a Moça,
quando súbito alvor lhe aclara a estancia;
em nimbo de oiro e azul se lhe descobre,
grave e a sorrir, um Anjo. Em voz suave
— Ave — lhe diz — Ave, Maria. —
A Virgem
volta-se, e o vê. — Deus é comtigo; salve. —
Perturba-se Maria; de olhos baixos
ajoelha, e põe as mãos. O Anjo prosegue:
— Não temas. O Senhor é Quem me envia.
Vais conceber. O parto ha-de ter nome
Jesus. Ha-de ser grande e venerado.
Filho eterno de Deus. O reino d'Elle
tem de durar por seculos de seculos. —
Maria a meia voz murmura:
— ¿ E como,
se eu observo a pureza? —
— O Santo Espirito
ha-de tornar-te mãe. —
— Pois feita seja
a vontade de Deus; sou sua escrava. —

*

Tão grande, tão insolito prodigio,
lyra e pinceis mil vezes memoraram;
mas Guido ou Raphael, com a sua pompa,
a sua côr de esplendida opulencia,
e a sua inspiração, não chega ao mimo
da simples magra prosa do Evangelho.

XVI

E' muito glorificado em Portugal o Mysterio da Immaculada.

Piedoso Portugal ha largos seculos
ao Mysterio purissimo tributa
vassalagem de amor. Villa-Viçosa
inaugurou, mais Alcobaça, templo
á Conceição da Virgem. Dom Raymundo,
Bispo em Coimbra, o impôz á Diocése;
todas as outras Sés seguem-lhe o trilho;
Santa Isabel, a doce Aragoneza,
no claustro lisbonense da Trindade
lhe consagrou capella. Neste dia,
quando a Restauração dos Brigantinos
já contava annos seis, el-Rei em Côrtes
mandou que o celebrasse o Reino inteiro,
e augusto juramento inda hoje liga
á Conceição ás almas portuguezas.

¡Oh! ¡que formoso é ver os laureados
da mui sábia Coimbra, os que entregaram
á sciencia annos seis de estudo acerbo,
vel-os em acto público humildando
as borlas doutoraes á Santa Virgem,
e dedicando á Mãe de Deus, em preces
repassadas de amor, toda a ternura,
todo o calor, dos filiaes affectos!

XVII

Prolóquios de Março.

Por todo Portugal a Primavera
ri nos jardins. E' a mocidade do anno,
como na vida humana a mocidade
é a nossa Primavera. Se escutarmos
o lavrador, desata-se em prolóquios,
e diz: «Quando troveja em Março, aprompta
os cubos mail-o braço;» ou «Sol de Março
fere qual maço;» ou «Março bem ventoso
junto a chuvoso Abril damna a colmeia.»
Frutos da longa antiga experiencia,
e intelligente observação.

XVIII

Pastores primitivos observando o firmamento.

Comtigo,
lavrador, que assim vives perscrutando,

uniram-se desde eras vetustissimas
outros videntes.
Serras da Chaldéia,
vistes nos serões claros os pastores
pasmados ante a pagina estellífera.
Esses homens boçaes, que illuminava
nas trevas da ignorancia a luz do engenho,
foram fixando, aos poucos, a justeza
dos movimentos sideraes, as linhas
do espantoso traçado. Cada dia
miravam no oriente o alvor da aurora,
depois, no occaso, o ennegrecer da noite.
Perguntaram:
— ¿ Por quê ? ¿ D'onde sahiste,
e onde te somes, luz ? ¿ Quem trouxe as trevas?
¿ quem traz o dia ? ¿ Por que ignótos báratros,
por que abysmos sem fim giram os mundos ?

*

Signalaram o erguer de astros sabidos
na fimbria do horizonte; tracejaram
e zenith, o nadir. A prasos certos
sahia a lua, luminoso enigma,
desatino das noites; explicaram-lhe
as phases pela sombra projectada.
Pressentiram a eclyptica; esboçaram
a fórma, a planta, a altura, o movimento
da portentosa machina.
Impellidos

nos arranques do genio em largos seculos,
foram ligando os factos comprovados,
prendendo-os entre si na linha harmónica
de um pensamento grande, unindo os factos
ao dia, ao mez, ao anno, resolvendo
indecisões; se herdavam conjecturas,
testavam já certezas.
                                        Lento, lento,
graças á observação e á pertinácia,
o agro thesoiro do saber crescia;
e os homens, de si proprios abysmados,
viram passar no espaço desmedido,
como em triumpho ao longo do Zodíaco,
em carreira annual, prefixa, harmónica,
sob o olhar firme de astros immutaveis,
o Sol, facho celeste, o sobrehumano
cujo calor e cuja luz são fôrça,
geram de longe a pompa inesgotavel
das estações, renovam de contínuo
a face do planeta, dão a essencia
incoercivel da attracção, a vida
vegetal e animal, todo este assombro
de leis, causas, e effeitos, que chamamos
a Criação.

*

                    Tão porfiado estudo,
no correr das edades prehistóricas,
fez a Cosmogonia. Cada signo

logrou chrónica; a Sciencia, a custo, a mêdo,
mesclando na celeste a História humana,
explicava-a; no facto entrelaçava-se
a Allegoria.
Todas as conquistas
do raciocinio do homem resumiram-se
em conhecer as leis da Natureza.
Toda a lei tem autor; as assombrosas
leis assim conquistadas revelaram
autor um Ente enorme, um Deus supremo,
invisivel em si, mas innegavel,
incomprehensivel, sim, mas venerando
nas suas leis sublimes; ¡que progresso!
No tentear de crenças inda informes
os pastores chaldeus, quaes sacerdotes
sem mandato, em silencio, e contemplando
a constellada pagina, rendiam
preito sincero ao Criador.

*

Passaram
dos Chaldeus para os cúpidos Phenicios
o saber e a ousadia. Inquebrantaveis,
em jangadas informes, em bateiras
a remo, ou em barcaças, que impellia
já vela aventurosa, conseguiram
esses rudes e ousados precursores,
sem o auxilio de bussola ou sextante,

nos astros entrever a rota ao longe.
A mêdo, em cautelosas cabotagens,
destrinçaram incógnitas veredas,
desvendaram o solo, devassaram
o mysterio das ondas, implantando
em plagas virgens o commercio, o culto,
a agricultura. Na Africa fundaram
empórios grandes, Utica e Carthago;
na Sicilia Panormo; e nas Hespanhas
Gades, Tartesso. A's plagas do Oriente,
ao Roxo mar, ao Persiano golfo
levaram trato; á parte adversa abriram
o periplo africano; arrotearam,
emfim, com o charruão das quilhas sôffregas
as vargens do alto mar; leiras fecundas,
d'onde brotava a pouco e pouco a messe
da civilisação.

Phenicios, fostes
avós dos temerarios Portuguezes;
saudamos-vos por taes; e em letras d'oiro,
nós, os netos dos Gamas e dos Dias,
dos Magalhães e dos Cabraes, gravamos
na nossa avoenga as glórias da Phenicia.

*

Pequenina, apinhada ao réz das aguas,
fértil, a enxamear de povo, olhava
a Phenicia o poente, namorada

do mar, cujo horizonte eram promessas
a acenar d'entre as névoas do possivel.
Assim foi Portugal. Ambas as terras
viram surgir heroes, de ambas sahiram
galeões á conquista de mais mundos.

XIX

2483 annos antes da era christan, pouco mais ou menos, invadem os Phenicios a Lusitania.

Namorados do ceo da nossa Iberia,
do seu chão, dos seus férteis arvoredos,
dois mil mais quatro centos mais oitenta
mais tres antes de Christo, eil-os invadem
a nossa Ibéria os bravos da Phenicia.
Seculos quatro com setenta e oito
invernos a dominam, rechaçados
emfim (dois mil e cinco) pelas aguias
do invencivel Romano.

. . . .

Anno 2005 antes de Christo. — Invasão dos Romanos.

Ao traçar isto
lembro (¡ e com que saudades !) umas noites,
em que o autor d'este livro, pressuroso
ia partindo a História em pequeninos
aos Filhos do seu Rei. Na nobre fronte

dos Ouvintes Reaes, era de ver-se
a attenção perspicaz, com que a pintura
da antiga Lusitania illuminava
aquellas almas juvenis. ¿Pintava
o prelector? não; coloriam Elles
per si proprios a vasta galeria
das emprezas vetustas. O passado
de annos tres mil era uma tela enorme,
preludio aos altos feitos portuguezes,
e ás façanhas maritimas do Gama.

XX

25 de Março de 1497. — Sai de Lisboa a esquadrilha de Vasco da Gama.

¡O Gama! Aos bicos d'esta penna timida
esse nome apontou. Luz sobrehumana
d'elle irradia.
Annos noventa e sete
fiára o giganteu seculo quinze;
e em Março, a vinte e cinco, viu o Tejo
de vêrga d'alto, anciosas e arrogantes,
ante o enxamear sollicito das praias,
tres naus; seu Capitão, Vasco da Gama,
Cavalleiro d'el-Rei; os nomes d'ellas
São Gabriel, São Raphael, e a Berrio,

Nunca empreza tão alta inflara os brios
de cavalleiros nossos; o seu fito
é subjugar o orgulho ao Tormentorio.

XXI

27 de Março de 1211.—
Morre D. Sancho I.

E agora, Março, adeus. Deixo no escuro,
a vinte e sete de duzentos e onze,
a morte de Dom Sancho, filho egregio
do Fundador da Dynastia.

25 de Março de 1223.—
Morre D. Affonso II.

Omitto
a morte, a vinte e cinco de duzentos
e vinte e tres, do seu valente Herdeiro
Dom Affonso segundo.

XXII

28 de Março de 1810.—
Nasce Herculano.

Nesta altura
dois colossos das Lettras portuguezas
deteem a minha penna ainda. Surgem-me

no horizonte o inflexivel Herculano,
o grande historiógrapho, e Barbosa
o autor da *Bibliotheca Lusitana.*
Herculano a vinte e oito, quando o seculo
numerava annos dez, nasce em Lisboa,
e enche de orgulho a Patria. E' o fabricante
de assombroso edificio. Rebuscando
com valor incançavel, foi servente
de pedreiro, pedreiro, mestre de obras,
architecto, pintor. Disse-o Castilho.
O nome d'elle paira sôbre as torres
do alcaçar diamantino erguido aos seculos
por seu punho immortal. ¡ Gloria ao vidente !

XXIII

31 de Março de 1682.
— Nasce Diogo Barbosa
Machado.

Machado é o douto, o amigo, o prestimoso
exforçador. O seu museu de Lettras
a todos presta; methodo, sciencia,
tudo tem. ¿ Quem não ha-de abençoar-te,
mestre? ¿ Como esquecer-te?
Mil seiscentos
e oitenta e dois, no derradeiro dia

de Março deu-te á luz nesta Lisboa
que tanto amaste.

XXIV

Passo agora em claro
os nomes immortaes de varios Santos,
de quem resa a folhinha, e aguardo ancioso
a chegada de Abril, que ora chorando,
ora a rir, como trêfega criança,
prepara o anno ao radioso Maio.

FIM DO LIVRO III

LIVRO IV

ABRIL

I

Lograções na entrada de Abril.

Communico ao leitor, que no Chiado,
numero tantos, a uma banda, em frente
de umas lojas quaesquer, e ao lado de outras,
mesmo por baixo de umas casas altas,
onde moram diversos inquelinos,
cujos nomes não sei, se acham desde hontem
expostos todo o dia uns crocodilos
do Vice-Rei do Egypto. Entrada franca.
Val a pena ir da Estrella ou do Beato
ver o chiste e o talento d'esses bichos.
Dançam, fazem mesuras correctissimas,
são meigos como cães, e até proferem
não sei que phrases no idioma turco.
Basta um annuncio assim, para que todos

affluam no Chiado ás rebatinhas;
procuram, querem ver, inquirem, bradam.
Deixal-os ir. Se o meu leitor prefere,
fiquemos nós. Dos sabios crocodilos
o nome verdadeiro é... (mas segrêdo)
peixes de Abril.

*

E' moda pregar d'estas
aos amigos cada anno; e o mais galante
é que no laço urdido caem todos.
O Abril *das aguas mil* mil pallas arma,
do morto Carnaval herdeiro alegre;
são lograções, enganos, galgas, pulhas,
carapetões, araras, trapacices,
equívocos, desfrutes, tudo a sério.
(¡Ceos! pasmo de vergonha ante a opulencia
da desleal matreira synonimia).
¿Por que é isto? não sei. ¿Será que o sangue
gira melhor nas veias, e que o tempo
nos dispõe á folgança? A quarta pagina
dos jornaes alimenta as petas brancas.
Riâmos nós tambem.

II

Na rua do Oiro,
no Rocio, no historico Chiado,
ha já mais turba.
Vê-se o amanuense,

que fugitivo á estólida carteira,
dá largas á expansão do verdes annos;
observa, ri, talvez procure a noiva.
Vê-se o airoso enluvado peralvilho,
que traja no Amieiro, e quer que o admirem
em São Carlos, á noite, criticando
em tom de mestre os Verdis e os Bellinis;
o hirsuto Deputado sertanejo,
que se julga portento de oratória,
por ter hontem na Camara soltado
o primeiro «Apoiado» hostil e energico;
o Tenente do mar, que volta d'Africa
farto de solidão, e acha mais lindas
as sequidões do asphalto, que as florestas
de Quíloa, Quelimane, ou Moçambique.
Pelas lojas de modas entram, saem,
a enfeirar e a sorrir, as elegantes,
como leves palreiras andorinhas.
O *coupé* de um Barão agiota velho
desbanca os mais com a insolencia grossa
do oiro negro; e acolá, pelo passeio,
segue a pé certo Conde aristocrata.
Andam no ar os chapeus; em cada fronte
sorri o Abril dos climas portuguezes.
Estas as tardes são, que a Primavera
concede ás elegancias de Lisboa;
é presente Real, que nada custa.

*

E' bem outra do que era a faina agrícola.
O activo lavrador nos regadíos
semeia milho farto. Nas montanhas
entrega o casaleiro as longas tardes
á tosquia das placidas ovelhas.
Em summa: vai no campo e na cidade
mais vida, mais calor, mais enthusiasmo.

*

Já dos pregões da quadra a melodia
se escuta ao longe; o céo azul diáfano
côa pelas sacadas entreabertas;
ouve-se «¡Pinhão novo! ¡pinhão novo!»
ouve-se «¡Mólho de alecrim!» fragrancia
dos lares térreos da vetusta Alfama;
e a esbelta vendeirinha dos morangos
perfuma, anima, as nossas sobremezas,
onde nunca a laranja nos desleixa,
nem nos renega a nêspera agri-doce,
nem nos foge a doirada tangerina.

*

A melopeia dos pregões é musica,
deliciosa musica, nativa
no coração do povo. Em cada nota
diz-nos muito; na letra e na harmonia

solta efluvios de campo, lembra as hortas
do Arieiro, os pomares de Bemfica,
as latadas de Loires, a fragrancia
das sebes nas sombrias asinhagas,
as fainas das bandadas casaleiras.
Pregões da Primavera no Bairro-alto,
nas viellas de Alfama ou do Castello,
lembro-me bem das intimas saudades,
que na mente dorida me acordaveis,
quando, longe dos meus, em plaga extranha,
d'estes torrões nataes curti a ausencia.
Entre as grandezas triumphaes de Londres,
de París entre as galas e os sorrisos,
do Fayal entre as tépidas aragens,
da branca Moçambique entre os deleites,
e entre o amargoso retroar do Oceano,
eu só escutava na memoria da alma
as sabídas vetustas melodias
dos pregões d'esta mágica Lisboa...

III

Continuação do mesmo assumpto.

¿Vês, Primavera? assim te festejamos;
assim te engrinaldamos de saudades;
e com a mesma influencia com que outr'ora
os buliçosos vates te cantaram

na Lapa do Mondego.
Sacerdotes
do teu culto innocente, erguiam vôo
até Cythéra em versos namorados
(namorados de ti, que és meiga e linda)
teus ardentes imberbes amadores.
Pelos teus sinceiraes, junto aos salgueiros
que se miram no espelho do teu rio,
sob os arcos sonoros do O da ponte,
e em presença da esplendida Coimbra,
anciosos bradavam:
— Primavera,
Primavera, ¿ onde estás?
— Em toda a parte —
respondias sorrindo; — e mais que tudo
em vossos corações. —
O hymno enthusiastico
do teu triumpho vive, ha tantos annos,
ressôa ainda, puro como outr'ora,
num livro que é só teu, que tu soubeste
arrancar d'alma ao juvenil Castilho.

*

Todo este renascer, que a Primavera
traz ao mundo, esta febre de delicias,
esta expansão das almas intanguidas
com os frios invernaes, enche a cidade,
anima o campo; sim; mas ¡ quantas vezes
por baixo d'esse manto de alegrias

não jaz occulta a pallida miseria!

. . . .

¡Pobre mendiga pequenina! gira
ante as vidraças de ociosos nadas,
com que as lojas atónita a deslumbram;
quer sorrir, mas no rosto macerado
revela os desalentos da penuria.

. . . .

¡Triste velho pedinte! curvo ao pêso
dos invernos, exhausto de martyrio,
arrasta-se entre os grupos sorridentes,
e ao fim do dia traz pão sêcco, e lagrimas.

. . . .

Corram Alfama, desçam ás alfurjas,
em que o sol mal se infiltra, aos térreos antros,
onde tanta familia proletária,
sem pão, sem ar, em pranto se estióla;
¡em quantas criancinhas desherdadas,
sem que a luz do Senhor as avivente,
sem que a escola as fecunde, nos prepara
o destino futuros malfeitores!
A escola é muito, e elles não teem a escola;
a Religião é tudo; e á voz satanica
dos jornalinhos do odio, os rudes filhos
da ignorancia soez fogem do templo,
mofam do culto, ultrajam sacerdotes.
¿Não dais por isto, ó vós, politicastros,
ó pigmeus dos corrilhos? ¿Pois não vedes
que o vosso chafurdar no egoismo tôrpe

afunda a todos nós?! Erguei a mente,
conspirae para o bem; dae ás escolas
amenidade; constrangei a plebe
a frequental-as, e a escutar submissa
a voz do seu Pastor; prestae o exemplo
do amor á terra mãe que tanto amâmos,
e pensae que da infrene *liberdade*
que a drede promoveis, brota a licença.
O livre pensamento, a imprensa livre,
a livre scena, o livre parlamento,
lepras immundas são, que nos corroem.
Abri a escola, e protegei a Egreja.

IV

3 de Abril de 1490. — Primeiro Baptisado no Congo.

¡Nas eras crentes quanto fomos grandes!
Contemplemos.
A tres de Abril do anno
quatro centos noventa, viu o Congo
pela primeira vez banhar-se o negro
na pia baptismal.

*

Quanta ignorancia,
quanta má fé, não mostra o que desprésa
o humilde Missionario! Quem pensasse
nos bens, que a voz serena das suas práticas,

sem reclamos, sem estimulos, sem premios,
semeia pressurosa em tantas almas,
absôrto bradaria: Missionario,
frade obscuro, hortelão de ânimos sáfaros,
és digno irmão de Christo.

*

Em longes plagas,
na musulmana Zanzibar de outr'ora,
vi quanto val o Missionario. Os Moiros
apinhavam-se á voz das suas prédicas;
abrandavam-se os usos; desbravavam-se
os corações ferozes; o selvagem
renascia ao contacto do Baptismo,
aprendia a ser manço, ajoelhava
á Cruz, perdoava injurias, acudia
gostoso ás ferramentas da lavoira,
arroteava a terra, e caminhava
para as regiões supremas de Além-mundo.
As criancinhas negras vinham todas
a correr, mal ouviam tintinando
o sino da oração. Graves parábolas
da vida de Jesus, as narrativas
da infancia d'Elle, as suas santas máximas,
Jerusalem, e Nazareth, e o Gólgotha,
tudo eram como assombros de delicias
aos ouvintes boçaes

¡E com que acêrto

lhes era commentado o culto externo!
¡E com que graça as vozes innocentes
entoavam psalmos! Tonsurado mestre
lhes ensinava a ler, e os adextrava
nos milagres tão promptos da arithmetica.
O aduar transformava-se em choupana,
a choupana em casal; o pobre templo
improvisado ali, de pedra ensôssa,
e telhado de côlmo, congregava
atónitos de si, legitimados
pela Cruz, os bastardos da ignorancia.
O' verdes solidões das zonas tórridas,
vistes raiar um sol desconhecido;
¿e quem vol-o accendeu? o Missionario,
o Jesuita escorraçado, o fraco
que ensina e guia os fortes, o adoravel
o infatigavel semeador das almas.

V

4 de Abril de 1819.—Nascimento da Rainha D. Maria II.

Se a educação é muito, eis me apparece
o vulto da Rainha Educadora.
Quatro de Abril; aponta-me a folhinha
essa data feliz em dezanove.
Recordo-me das festas, com que outr'ora
remoçava Lisboa; luminárias,
musicas, flores, galas, alegravam-te,

meu Portugal fiel, todas as póvoas,
todas as casas, todas as choupanas.
O quarto sol de Abril viu lá nas terras
de Santa Cruz brotar Maria, a nova
Filippa de Lancastre, a mãe de Pedro,
essa cuja Odysséia encheu o mundo,
«e por quem todos nós vertemos pranto.»

VI

4 de Abril de 1170.—Morte de Gonçalo Mendes da Maia.

A mesma alegre data evoca no anno
mil cento mais setenta a gloriosa
morte do heroe Gonçalo Mendes. Surjam
das campas os heroes das nossas chronicas,
e saúdem-lhe o nome venerando.

VII

6 de Abril de 1385.—Acclamação d'el-Rei D. João I.

Quando o tempo marcava annos oitenta
mais cinco ao seculo quatorze, erguiam
nos escudos o heroe de Aljubarrota,
a seis de Abril, seus fortes companheiros.
E' Rei Dom João Mestre de Aviz. Raiaram
alvoradas; nas trevas do horizonte
fez-se um grande clarão; e a espada invicta

firmando as liberdades portuguezas,
abriu o cyclo a insólitas façanhas.

VIII

17 de Abril de 1772. — Nasce o erudito Frei Claudio da Conceição.

Entre alguns que taes feitos memoraram,
figura um frade, o honrado Franciscano
Claudio da Conceição.
A dezassete
do anno setenta e dois nasce em Bemfica;
util compilador, que ás nossas sêdes
consagrou, cheio de alma e probidade
o *Gabinete historico.*
Venero
estes bons, que no estudo e na modestia
tanto auxilio nos dão. Mordam-n-o embora;
Frei Claudio vive, e viverá mais que esses
ociosos ignaros detractores.

IX

19 de Abril. — Entra o Sol no signo de Tauro.

Agora, se me é lícito, saiâmos
d'estas datas caseiras. Venham quadros,
em que a Mythologia rebuçava
clarões de vetustissimas Histórias.

*

Em dezanove entrado é o Sol em Tauro.
Divergem os autores; uns explicam
o toiro astral pelo raptor de Europa;
outros, pela novilha d'el-Rei Inacho.
Se é toiro ou vacca — observa mestre Ovidio —
ignora-se.
— E eu só digo: se o não sabes...

*

Emfim; vamos ao caso.
Era uma tarde.
Em seus jardins vagava com suas damas
a juvenil Princeza da Phenicia,
a filha de Agenor; se as companheiras
eram louçans, ¡que linda que era Europa!
Quando a sorrir entremostrava os dentes,
irradiava luz no olhar, na fronte.
¡Oh mocidade! eram corridas, risos
entre os rosaes, subidas e descidas
pela escada marmórea, que dos pórticos
da poisada Real se enladeirava
té á orilha do mar; e em frente as ondas
muito azues mosqueadas de barquitas.

*

De improviso, entre uns cedros seculares,
surge um formoso toiro acastanhado,

com uma estrella na fronte. Sustos, gritos,
confusão; e elle manço, olhos dulcissimos,
encarava-as sereno; era um feitiço
o olhar do toiro; tinha o condão mágico
de atrahir; ¡e a fragancia que esparzia
na relva reclinado! ¡e a graça meiga
com que lambia os pés á casta Europa!
Foi-se o receio; a pouco e pouco afoita-se-lhe
o rancho alegre, cerca-o de caricias.
Europa, mais audaz, salta-lhe ao dorso,
assenta-se-lhe a rir. Mas ¡qual o espanto
d'ella e todas, ao vel-o erguer-se, e ás sôltas
correr com ella até ao mar! ¡lançar-se
ao mar! ¡fender com ella affoito as vagas!
Com gritos de pavor firma-se a moça
nas alvas pontas do animal; solleva-lhe
o vento as vestes; faxa azul que a envolve
enfuna-se pelo ar; e não valeram
a detel-a o bradar espavorido
da companhia; grave o toiro embrenha-se
no vasto horror da solidão marinha.
— ¡Prodigio! — exclama a triste — O' sobrehumano
toiro, ¿quem és? ¿aonde me arrastas?

— Filha, —

volve elle em clara voz — nada receies:
sou Jove, e és minha.

— Em Creta a depõe mudo,

entre um bosque de plátanos sombrios;
amor tornou-a mãe de Rhadamanto,

Éaco, e Minos.
Por final memoria
da estupenda façanha, inscreveu Jupiter
no ceo zodiacal taurina imagem;
quarenta e quatro estrellas a contornam.

*

Outra versão. Venha a novilha de Inacho.
Nasceu em tempo antigo est'outra fabula.

*

Era uma vez certa Princeza, prole
d'el-Rei Inacho. A Argólide presava-a
por gentilissima entre as guapas moças
d'aquella região. Ninguem como Io
(o seu nome) ostentava tanto garbo
no pisar, no meneio. Era de ver-se,
quando ao primeiro sol levava ao pasto
os seus cordeiros nédios; quando á tarde
sahia a encher a cântara, ou bailava
com outras mais á sombra dos pinheiros;
ou quando, toda riso, arregaçada,
com os formosos pés nus n'agua corrente,
batia as roupas de seu pae. Ouvia-se-lhe
a toada argentina á beira-rio;
e mais de um viandante desgarrado
cortando o valle creu que alguma nympha
cantava ao longe.

*

Jupiter um dia,
em que a Argólia lá do alto contemplava,
avistou-a a dormir; sentiu por ella
intenso amor, e disse:
— Has-de ser minha. —
Sabía-lhe a innocencia, as esquivanças,
buscava-a pois na selva, encontradiço,
disfarçado em pastor; a ingénua moça,
no falar do garboso pegureiro
desconhecido ali, vindo de longe,
achava chiste, e pelo ouvir detinha-se.
. . . .

*

Juno a avistou tambem; Juno, a ciumenta,
viu claro no furtivo olhar de Jupiter,
e na anciosa tristeza que o pungia,
o occulto incendio que lhe ardia n'alma;
espreita-os; a certeza a dilacera.
Por sua parte, no aspeito da Satúrnia,
no seu calar, no tôrvo das pupillas,
rastreia Jove os estos da vingança;
rapta a donzella; em denso nevoeiro,
como em camara, a esconde, occulto a gósa,
e a troca em formosissima novilha.
¡Que estampa! ergue-se a fronte avelludada;
os ágeis pés deslisam, mal pisando

o flóreo hervoso chão; o olhar faisca
voluptuoso amor.
— ¡ Como é galante! —
exclama Juno astuta — ¡ oh! quem m'a dera!
¿é tua, Jove?
— E' minha. — (ao confessal-o
ria como á socapa).
— ¡ Se m'a desses!
— Pois dou, sim.
— Agradece-lh'a a ardilosa,
e toma-a para si. Jove disfarça,
e como guarda á esplendida bezerra
põe Argus de olhos cem. Receia Juno
mais lograções; chama Mercurio, e diz-lhe:
— Emissario fiel, ¿não vês ao pasto,
além, junto ao Cephiso, aquella vacca?
vae, corre, e o guardador destroe num prompto.

*

Argus velava. Achega se Mercurio,
senta-se, tira a flauta, aos eccos vagos
entôa somnolentas melodias,
longas, longas, monótonas, plangentes,
que a pouco e pouco vão cerrando os olhos
do velador; cerraram-se; adormido
jaz.
Mercurio a cervíz lhe corta; gólfa
sangueira aos borbotões; o sangue muda se

em lustroso pavão, que ostenta a cauda
de escuro azul pintada de olhos cento.
A novilha, liberta do importuno
seu guardador, passeia aos ares livres;
e Jove exulta.
¿Exulta? ¡e quê! ¿não sabe
que no peito de Juno é o odio eterno?...
Pertinaz na vingança envia a deusa
á novilha um tavão, que zune, fere,
punge a infeliz; o espinho aéreo a incita,
fal-a correr, fugir ondas em fora
té ás praias do Egypto, onde do Nilo
desembocam no mar as sete fauces.
Pára exhausta.
Do Olympo a vê o amante;
desce, e affagando-a restitue-lhe as fórmas
de formosa mulher. Aos ceos alçado
o illusório animal, é hoje o Tauro,
entre o Carneiro e os Gémeos do Zodíaco.

*

¡Como a Poesia enflora a Historia humana!
São as lendas o trajo da verdade.
Envôlta no oiropel de bellas fabulas
surge a Cosmogonia; a História envolve-se
muita vez em ficções.
Esses tão varios
quadros que debuxei, são o disfarce

de casos mui reaes.
Vivia em Argos
um Principe tão nobre, tão colmado
de bens, tão sensual, e tão ladino,
que lhe poseram «Jupiter» de alcunha,
sendo Apis o seu nome.
Tinha Juno
culto em Argos; a gran sacerdotisa,
Io, primor de formosura e graças,
feriu o coração d'el-Rei; mas soube-o
a Rainha, e raptou-a, e encarcerou-a,
e pôz-lhe carcereiro um dos seus grandes,
Argus.
Do seu presidio poude a triste
fugir num galeão, cuja carranca
era taurina effigie.
Esse, o miolo
que a fabula vestiu.

X

20 de Abril de 1675. — Fallecimento do Padre Balthasar Telles.

Nos nossos fastos
registo hoje uma data memoranda,
sem lendas, sem ficções; em letras de oiro
a inscreveste, Lisboa, em teu canhenho.

*

Numa cella, em São Roque, em Abril vinte
do anno seiscentos mais setenta e cinco,
apagava-se um douto, um Jesuita
honrador da sua Casa, áureo chronista.
Nome illustre e por tudo venerando
deixou Balthasar Telles aos vindoiros:
fino escriptor, rebuscador insigne,
evocador das glórias do passado.
Francisco de Moraes, o imaginoso
autor do *Palmeirim*, testára ao neto
engenho, applicação, perseverança.
¡Feliz o herdeiro, que o legado enorme,
bem maior que mil dobras assentadas
ou na Casa de Ceuta, ou na da India,
d'est'arte faz valer, e entrega á Patria.

XI

20 de Abril de 1650. — Nasce em Lisboa o Padre Antonio Carvalho da Costa.

Outro requer logar na minha tela;
é Carvalho da Costa.
Em mil seiscentos
e cincoenta, Abril vinte, esta Lisboa
lhe deu o ser. Vem, vem, *Chorographia*,
que elle traçou tão bem: honrado livro,

que á Pombalina estirpe dos Carvalhos
justo renome dás. Sessenta e cinco
annos viveu o autor; mas vive intacta,
e viverá perpétua, a obra d'elle.
Foi para mim outr'ora como lampada,
que as trabalhosas noites me allumiava,
quando nos Olivaes, em frente ao Tejo,
bosquejei as grandezas de Lisboa.

XII

22 de Abril.—Fuga de Nossa Senhora para o Egypto.

Em quanto eu meditava, ouvi por longe
tropear manço um jumentinho. O' fabulas,
fugi, como ante a aurora as sombras fogem.
¿Que é isto? é a Virgem Santa e o seu Menino,
e José junto d'elles.
Na alva areia
mal se escuta um ruido; a passos leves
vai o rancho sublime. Em Galiléia
o Tetrarcha degola os innocentes;
ulúla o povo; as mães aniquiladas
junto a berços vazíos se debulham
em lagrimas inuteis. Virgem Santa,
salvae o vosso Filho; o grande Egypto,
celleiro das nações, além verdeja;
salvando essa criança perseguida

salvais a Humanidade.
A nossa Egreja
a vinte e dois de Abril memora o facto.

XIII

22 de Abril de 1843. — Incendio do Collegio dos Nobres em Lisboa.

Decimo nono seculo, rodaram
no estame teu quarenta e tres invernos;
a vinte e dois de Abril amotinada
se viu Lisboa em subito infortunio.
Ululavam os sinos denunciando
fogo.
Em verde arrabalde, num cabeço,
erguia-se edificio veneravel,
Noviciado da extincta Companhia,
transformado em Collegio da Nobreza.
Templo, officinas, salas fastuosas,
Real magnificencia, estátuas, quadros,
historicas memorias saudosissimas,
tudo um incendio aniquilou. Pranteiam
as artes e as sciencias. Duros rolos
de fumarada negra os ceos obumbram,
e o geral desalento inda recresce
no clamor funeral dos campanarios.

*

— ¿ Clamor dos campanarios? — me pergunta
o moderno leitor. Sim, conheci-o
inda, o ululado lugubre das torres,
quando um incendio em seus clarões sinistros
avermelhava o ceo. De azas abertas
pairava no ar o Archanjo do exterminio;
e os campanarios num vozear unísono
marcavam para longe, pelo número
dos golpes, a paróchia amaldiçoada.
E toda a povoação corria; o exfôrço
era geral; e a pávida Lisboa
luctava com o flagello.

Hoje outros meios
se põem por obra; esse bradar dos bronzes
pertence á Historia.

*

Se não é sahirmos
fora do plano, direi mais:

Ha vozes,
caladas hoje, mas outr'ora vivas,
que inda pintam costumes muito nossos,
e ressuscitam o viver antigo,
evocando da sombra os bons maiores
nas campas e no olvido sotterrados.
¿ Sou visionario? sou talvez, mas oiçam.

*

«Agua vai» — foi progresso, quando as ruas
da *inclyta Ulysséia*, sem policia,
sem lampiões, quasi sem agua, davam
visos de tremedaes.

*

Nas horas mortas
quem passava ante a guarda, ouvia um fero
«¿Quem vem lá?» Respondia: «Paz». Por ultimo
«Passe de largo» — Intimação roufenha
da solitaria sentinella altiva.

*

A espaços, alta noite, caminhava
sob o pallio, entre as tochas dos devotos,
o préstito da Hostia a moribundos,
ao som da luctuosa melopeia
de «Bemdito e louvado o Sacramento
da santa Eucharistia.»

*

O honrado e manço
aguadeiro gallego, desthronado
pela invasão das lymphas do Alviella,
no guttural pregão denunciava
o aquatico elemento aos nossos lares.

*

Do realejo sonoro (hoje banido)
nómada Piemontez ia entornando
no ouvido aos cidadãos as melodias
das óperas em voga, e por uns cobres
offertando de longe ás nossas almas
a inspiração das Musas forasteiras,
o calor com que o genio dos maestros
logra unir, em arranques de talento,
a alta Poesia á prodigiosa Musica.

*

Nos sete montes da cidade as torres
repicavam frequentes, redobrando
alegria aos sorrisos da atmosphera.

*

De manhan, lentamente, no arrabalde
corria um sino grande; era na Estrella
o chamamento ao côro; em toda a parte
vibrava o badalar das santas monjas,
a cada lar levava companhia,
levava um pensamento affectuoso,
levava um doce anhélo de além-mundo.

*

No inverno, pelas ruas populosas,
passava descoberta, resignada,
companha de piedosos marinheiros,
levando, ao som da rouca melopéia,
o enrolado traquete, que na Graça
ia adornar, todo enramado em flores,
do bom Jesus dos Passos a capella.
Aquelle psalmear, aquellas lagrimas,
recordavam á frivola cidade,
immersa nas delicias, a nobreza
do labutar honesto, as porfiosas
brigas com o mar, as ancias da procella,
o fuzilar do raio, o mastro rôto;
e, mais que tudo, o que avultava aos olhos
era a fé, com que ás horas da tormenta
tinham aquellas almas implorado
num vozear de filiaes ternuras
nossa Divina Mãe Santa Maria.

*

Usos mortos, que a História pittoresca
regista... Perdoae se inda os evóco;
são notas da Lisboa de outras eras,
são archáicas feições do seu retrato

XIV

23 de Abril. — S. Jorge.

Quando tres vezes a Hyperionia moça,
depois do dia vinte, descerrado
houver as portas da ridente Aurora
(como diria um árcade), eil-o surge
em todas armas o inclyto São Jorge,
tutelar, defensor do nosso Reino.

*

¿Que dizer d'elle? as nevoas envolveram-n-o;
tudo são trevas. D'entre o escuro emerge,
com o seu porte gentil de cavalleiro,
o seu elmo luzente, a graça austéra
e juvenil do seu formoso rosto.
No aspecto senhoril mostra-se Principe;
é o esplendor da syria Cappadócia.
Se as lendas nol-o escondem, não lhe occultam
o encanto pessoal, o influxo magico
de um Amadis de Gaula; a sua espada
serviu sempre os oppressos; o seu ânimo
aprumou-se ante o jugo e as tirannias,
como arco onde de prompto estala a corda.
Foi christão; teve as honras do martyrio,
que o levou para o Ceo. De Albion é vindo
seu culto a Portugal, que inda o celébra;
apegou-se-lhe o nome á velha Alcáçova
dos Valis e dos Reis; a nobre egreja

de Santa Cruz é o solar querido
do paladim, do popular São Jorge.

*

Depois que o Nome da Trindade santa
passou commemorado, assomam prestes
na immediata quinta feira os jubilos
de festa sem egual; ruas e praças
aderessadas de arcos, tapisadas
de hervas, flores, areia; os enthusiasmos
do bom povo fiel, que inda celébra
por attavismo e crença a Eucharistia
em concorrida procissão, tributo
da devoção geral.
Pois nesse dia
tem logar entre as pompas do festejo
o alto São Jorge; e é ver como o saudamos
quando entre archeiros passa, a bambolear-se
no seu cavallo branco, precedido
das charamellas triumphaes, ao longo
das vetustas viellas, que se ufanam
da medieva augusta personagem.

. . . .

Mal sabe o povo o que ali vai; percebe-o
com o seu sexto sentido. Se os negrumes
dos seculos lh'o furtam, bem lhe basta
pensar que vai ali o bom, que outr'ora
esgrimiu pola Fé, e agora alçado
ás phalanges celestes intercede

por nós, o Portugal das velharias.
Aquelles negros lembram-nos o Congo;
de lá veem; as roufenhas charamellas
sôam, como as ouviu a gôda Alfama;
aquelle pagem lembra o Paço, evoca
no seu aprumo os séquitos da Côrte,
os graciosos vultos dos Infantes,
e as Infantas gentís, por quem parecem
inda aguardar os palafrens de estado.
Toda a vistosa cavalgada é resto
de usanças, que esta Alcaçova conhece.
No arrogante bucéphalo o grão Santo,
emfim, com o seu arnez e o seu montante,
é a forma tangivel, em que a turba,
num salutar anhelo, que a melhora,
se revê nos guerreiros de algum dia.

XV

27 de Abril de 1147.—Saem de Colonia os cruzados que tomaram parte na conquista de Lisboa aos Moiros.

¿ Guerreiros? Mil visões a um tempo assaltam-me
a phantasia buliçosa.
Vamos:
¿ Quem são uns valorosos homens de armas,
que no seculo doze enxérgo a custo
a enxamear no porto de Colonia,

anno quarenta e sete? Arrebatados
mal se conteem; a leva é numerosa;
vinte e sete de Abril. ¿O que os impelle?
uma empreza que as almas afervora:
o resgate christão da Palestina.
Occultam sob a malha das coiraças
hardidos corações; sob o elmo esguio
cada cérebro audaz já devaneia
o gôsto da victoria. Ferve a lida;
na armada, já de verga d'alto, ondulam
multicôres heraldicas bandeiras.
Eil-os a bordo; soam as busínas;
de azas ao vento as barcas, de concêrto,
proas ao sul investen o Oceano.
Esses homens, devora-os uma ideia:
são os cruzados.

*

O que foi na Europa
tanto ardor, tanta fé; quanto os unira
num só arranco a voz do Ermita Pedro;
quanto se desvelaram no resgate
dos opressos christãos, diz-nol-o a História.
Do ascético Bernardo a parenese,
os feitos de Goffredo, a senha santa
do «Deus o quer», e a Cruz com que se ornava
o trajar dos intrépidos soldados,
são as várias feições de um quadro enorme,
que inda hoje, e para sempre, assombra o mundo.

*

Guia lá do alto um pensamento santo
as levas de Colonia; o seu destino
é o Oriente; mas quiz Deus detel-as
a refrescar das fainas marinheiras,
das fadigas inhóspitas das ondas,
ó meu nascente Portugal, no abrigo
do Porto já christão. Soube acolhel-os,
retel-os cá o irrequieto Affonso,
aguia Real, que os vôos ensaiava
para o ceo todo azul das glórias bellicas.
Christãos, — bradava o Principe — ¡ inda Aschbouna
é moira! ¡ nos soberbos baluartes
inda ousa erguer-se a meia-lua! A alcáçova
provoca altiva a nossa crença; ao longo
dos seus campos circulam arrogantes
as hostes do Vali. ¿ Por que heis-de ao longe
ir libertar christãos, se os tendes ora
aqui, sequiosos de ir plantar no adarbe
a Cruz, a nossa Cruz? Vamos, amigos;
uma cruzada santa aqui se cumpra;
irmãos somos.

*

Affonso, o cavalleiro,
tem na voz, tem nos olhos, todo o influxo
do pensamento que o desvela; é o Principe
e o homem de armas medievo. Annuem

os cruzados; e o cêrco, o renitente
cêrco, os duros exfórços, os prodigios
de estratégia e valor, enchem as paginas
das chronicas antigas. Repetil-os
aqui, não devo; só direi que a lucta
foi de amarga crueza, e que nas torres
da submettida Alcáçova se ergueram
ao cabo de seis mezes porfiados
as bandeiras christans.

*

E quando a turba,
protegida das hordas vencedoras
sahiu, e quando a torre da menagem
víu fluctuar ao vento a signa branca,
e quando na mesquita, alfim sagrada,
ao nosso Deus rendia Affonso, o Grande,
prostrado e em pranto commovidas graças,
sentia dilatar-se-lhe no peito
o justo orgulho da victoria santa.
Ao erguer-se do solo era um precíto.
Neto de avós Reaes, via-se alçado
por Deus a avô de egrégias dynastias,
¡Que dia! ¡e que visões!

*

Quem hoje encara
dos alcantis de Almada esta Lisboa
tão nossa; quem desdobra a vista d'alma

por esse quadro enorme, e se deleita
contando-lhe os jardins, os campanarios,
o alvo lençol da basta casaria,
os palacios, envôltos nos sorrisos
do sol peninsular; quem se apascenta,
nesse painel de leguas nacarado
de tons vivos, ouvindo a caso ao longe
carrilhões festivaes. . . já nem suspeita
que tanta luz e tanta paz custassem
aos christãos tanto sangue e tantas lagrimas.
. . . .

*

Perdão, se assim me entrego ao devaneio.
E' bello perscrutar pelos futuros,
adivinhar, prever, nas enigmaticas
cerradas trevas do porvir; mais doce
é rebuscar nas paginas do olvido,
e viver do que fomos. A antigualha
é o supremo amor de uma alma triste.

XVI

29 de Abril de 1826. — Outorga da Carta constitucional.

Vinte e nove de Abril.
A artilharia
relembra um caso grande. Pedro Quarto
em vinte e seis outorga ás gentes Lusas

a desejada Carta.
¡ Oh! ¡ que illusória
doação! cheio de alma nol-a entrega
o Principe; certo é; mas os despeitos,
as ambições, a mesquinhez dos nullos,
tudo illudiram; e essa norma augusta,
tão nobre no papel, só deu sophisma,
liberdade de enganos, cinza, e nada.

XVII

E' findo o mez. Deponho no tinteiro
a fatigada penna.
Qual viandante,
que, subindo uma serra, acha entre sombras
penedo em que descance, aguardo ensejo
de progredir.
Apenas no horizonte
o trigesimo sol se houver sumido,
proseguirei na alcantilada senda,
colhendo, a um lado, ao outro, novas flores
pelas sébes da Historia.
¡ A Deus prouvesse,
que n'alma portugueza a pobre lyra
lograsse despertar um ecco ao menos
de saudades e amor, como nest'hora
m'o acorda n'alma o campanario, alçando
da terra aos Ceos a prece vespertina!...

LIVRO V

MAIO

I

Preludio.

Aponta o mez de Maio.
— O mez das flores,
brada o poeta — a quadra da Poesia;
Maio é meu.
Mas nas beiras dos arroios,
nos ermos da selvatica espessura,
— Maio é só meu — descanta a philoméla
em vibrantes estrídulas volatas.
¿Quem tem rasão? ¿o passaro? ¿o trovista?
os dois, donos communs e affectuosos
da perola do anno.

*

¡Oh! ¡quadra amena!
Entram as plantas a viçar, e os dias
tépidos a verter nas nossas almas

deleitoso calor, que nos repassa,
que nos remoça, e se traduz em versos.
Opulenta alcatifa verdiclara
rebuça o dorso friorento ás serras;
esmaltam-se as sombrias azinhagas;
as arvores, vestidas como noivas,
enfeitam-se de joias, e aos povoados
chega um vago perfume a dizer «campo».
¡Maio! ¡ó que encerram essas poucas letras!
Maio é vida, tem frémitos de goso;
Maio completa a primavera, e sopra
bafejos estivaes; Maio desata
girandolas de luz, de sons, de festa.

II

Mas ha mais.
Grato e santo privilegio
ennobrece este mez entre os seus pares:
é o mez de Maria.

*

Já vos oiço,
sinos do Lumiar; já repicando
congregais os fieis; e muitas almas
surdas té hoje ás seducções do culto,
vibram por Ella em orações dulcissimas,
de joelhos ao altar, todo elle rosas,
d'onde entre cirios, coroada a estrellas,
sorrindo emerge a nossa Mãe Bemdita.

III

O Maio pequenino.

No primeiro de Maio o nosso povo,
que tão bom foi, tão cheio de poesia,
mantinha uma innocente costumeira.
Na rua, aqui e ali, thronos modestos,
enfeitados de ramos, sedas, flores,
eram poiso do «Maio pequenino»,
um rochunchudo nédio de dois annos,
ou tres, meio despido, e rutilante
de vistosos adórnos; Rei do sitio
algumas horas, e acclamado a beijos
pela gente da rua. Côrte d'elle
eram outros alegres muchachinhos
a cantar e a dansar. Os transeuntes
animavam a festa; e na bandeja
de quando em quando tintinavam cobres,
lista civil que desfechava em bolos.
Nossos paes inda viram, na Lisboa
transformada por nós, em cada bairro
o Maio pequenino, celebrando
o primeiro do mez; usança ingénua,
alegria da infancia, e grato enlêvo
da gente grande. O Maio pequenino
acabou; tudo finda; Babylonia,
Memphis, Palmyra, já lá vão; ¡ que muito
varresse o olvido usos plebeus de seculos!

IV

Anexins do mez.

O que inda não levou, são os prolóquios,
que a observação da longa experiencia
gravou no idioma popular.
Percebe-se
o agricultor lançando ao seu canhenho
os alti-baixos da lavoira; a tulha
magra, a tulha anafada; os dias tristes,
e os bons; as mesquinhezes dos pomares,
a opulencia das hortas regadias;
e diz: *Maio hortelão traz muita palha
e pouco pão; ¿Foi farto na hortaliça?
é baldo nos trigaes.* Todo elle páschoas,
repete o lavrador: *¿Maio ventoso
e pardo? anno formoso*; ou: *Maio turvo
traz claro Junho; quanto encontra nado
deixa-o sempre espigado.*
Vozes vagas,
mas fidedignas chronicas dispersas
das peripécias naturaes.

*

E' bello
ver como o lavrador extrai do solo
não só o pão, mas raciocinio e crença.
Sósinho, entregue ás fainas da lavoira,
observa mudo o deslisar dos astros,

tira da indagação o ensinamento,
percebe as estações, regista os prasos
do semear e do colher. Provém-lhe
d'ahi convicto sentimento de ordem,
veneração ao Summo Autor dos mundos,
afêrro á tradição, simplicidade,
affecto á Patria, anhelo irresistivel,
emfim, para além-mundo.
Almas devotas
as da gente rural. O intimo anhelo
de gratidão a um Deus, que a tudo assiste,
e tudo ordena, soube a pouco e pouco
tomar fórma tangivel; a escultura
pobre e boçal das eras pre-historicas,
deu nome e fórma aos troncos, aos penedos.
No deslisar dos seculos foi o homem
conhecendo o seu nada, tributando
culto ao Deus dos christãos; e branquejaram
nos pincaros serranos as capellas;
o ermo, que só sabía a voz do vento,
estremeceu de gôsto á voz do sino.
Não tardou que as alegres romarias
entrassem nos costumes; as promessas
affluiram; em tôrno ao sanctuario
agglomerou-se a turba; permutaram-se
os productos da terra; o casalinho
subiu a aldeia; a aldeia ergueu-se a villa;
e a Cruz, plantada nos oiteiros broncos,
foi um clarão que allumiava as almas.

V

A Ascensão.

Quarenta dias sôbre a Paschoa assoma
a festa da Ascensão; memóra a Egreja
na oração ritual a despedida
do Homem Deus aos discipulos amados.

*

Findára tudo. No infamado Gólgotha
rendeu Jesus o Espirito Celeste
a seu Eterno Pae. Lagrimas, lagrimas
é o que se ouvia, ou o riso alvar dos nullos
da cohorte romana. Pela encosta
descia a turba; a noite ia cahindo
sôbre Jerusalem; surdos rumores
pairavam no ar.
Os miseros discipulos,
orphanados do amor d'aquelle Justo,
seu guia, seu mentor, assim se achavam
sós no mundo, ralados de incertezas,
sepultos em feroz melancolia.
Congregados a mêdo em pobre albergue,
choravam suas lástimas. A subitas
fez-se um clarão, e eis surge como vivo,
sereno, o Mestre.
— A paz seja comvosco,
amigos, não temais; sou eu. —
Cahiram

de joelhos, a um tempo, espavoridos,
e murmurando:
—¡Quê! ¿Pois não o fomos
todos nós sepultar? ¿Não vimos morto
o bom Jesus? José d'Arimathêa
num sudario o envolveu, e ante nós todos
o encerrou no sepulcro. Aquella sombra
não é Jesus.
—Sou eu,—volvia Christo—
eu sou; vêde estas mãos sangrentas, vêde
estes pés transpassados; conhecei-me;
sou eu; não duvideis. Ide, a doutrina
que vos dei, dae-a vós ao orbe inteiro.—
E ergueu-se ao ar, sereno, e foi subindo
inundado de luz; viram-n-o todos
subir... subir... desparecer em glória.

*

Sublime apparição, que os Evangelhos
insculpiram na prosa dos versículos.
A grande voz da Egreja inda hoje a canta.

VI

Abolição das Ordens religiosas em 1834.

São dez de Maio. Trinta e quatro estios
caminháras, meu seculo. Vencida
vejo a triste campanha. Os vencedores

abusam da victoria. Cheia de odios
a penna abjecta de um ministro duro
arroja ao nada instituição divina:
caem os monges por terra.
Não valeram
abnegações de seculos, serviços
á Fé e ao Reino, a heroicidade, a lucta,
as missões, tanto exfôrço obscuro, tanto
civilisar, tanto morrer na brecha,
tanto fanal accezo em êrmas plagas,
tanto amor, tantas lagrimas de sangue.
Ante o rancor brutal de um obcecado
nada valeu; e as casas sacro-santas
d'onde jorrava luz... vêde-as: ruiram
de um só momento ao negregado impulso.
Fuzila o raio; os claustros são desertos;
a immunidade, o seculo a aniquilla,
escancára portões, derruba effigies;
completou-se o attentado pombalino;
os impios machadões desmantelaram
o cedro millannar. Os tristes homens
das estudiosas cellas lá vão todos
sem lar, sem pão; seus bens, expropriados.
¡Oh, Liberdade! ¡oh, violencia indigna
té mesmo do teu nome, oh Liberdade!...

*

Prohibes os mosteiros, e não vedas
os livros maus, o jornalinho infame.

¿ Que és pois ? ¿ pretexto ? ¿ assolação ? ¿ chimera ?
um sonho apenas ; hybrido producto
dos sonhos dos Rousseaus e dos Voltaires.
E's o sôpro mephitico do enxofre
que um colossal vulcão de odio e licença
arrojou sôbre a França e sôbre a Europa.
Destroes, e insultas. O pensar antigo,
tão leal, sepultaste-o em sangue e entulho.
Livres fomos outr'ora, á sombra augusta
da Corôa Real ; livres os grandes,
e as infimas camadas ; livre a Egreja ;
livre tudo, ignorando a *Liberdade*.
A Lei mantinha ao Povo os seus direitos ;
as Côrtes eram justas e sinceras ;
os Frades ensinavam, derramavam
veneração, plantando, edificando,
e registando os feitos gloriosos.
Derruiste um passado que não torna ;
¿ e que nos déste em troca ? tirannias,
soccolor de progresso e immunidades.
As eleições são burla ; os parlamentos,
illusões ; a missão da imprensa, fumo ;
a associação religiosa, crime.
Volve ás profundas d'onde audaz surgiste,
volve, risonha arteira Liberdade.

*

Dizei-me : ¿ e por que foi que allucinado
cedeu o Chefe aos ímpetos da cólera ?

¿Porque deixou vencel-o um tirannete
imbuido nas sanhas da impiedade?
Responde a voz sectária:
— Porque os frades
não eram *liberaes*. —
Não, que o não eram.
¿E que é ser liberal? ¿é crer no fumo,
nos embelêcos mil das camarilhas,
nas promessas hypócritas, no abrupto
de escuros alçapões?
Não, Liberdade
filha de Deus, não és, não és o espectro
nem a traição.
Se *liberal* chamassem
o varão de bom termo, honesto, ardente
de amor á sua terra, ao velho tronco
da árvore portugueza, aos seus monarchas;
pouco lido em chimeras de republicos;
querendo á escola, e muito mais ao Templo,
mysterioso Templo, austéro, escuro
como a Religião, como o Oceano,
como a profunda abóbada das noites,
como o teu livro enorme, ó Providencia;
não entendendo a imprensa desmandada;
amando as liberdades sem licença;
se isso é ser *liberal*... era-o sem duvida
o frade portuguez, vencido e victima,
de um rôsto só, de uma só Fé. Banindo-o,
apesinharam um princípio santo,

a livre associação, e a liberdade
de pensar e sentir.
¡Oh! Removâmos
a vista d'esse horror que nos macúla.

VII

6 de Maio de 1819. — Nasce o poeta João de Lemos.

Já vezes dezanove percorreras,
seculo meu, o giro annual; em Maio,
seis, despontava á luz da vida o grave
João de Lemos, o bom que me quiz tanto.
Era um radioso espelho, em que as memorias
do avíto Portugal se reflectiam.
Firme nas crenças, abraçado ao livro
e á Cruz, foi cavalleiro de outras eras
no nosso tempo de ganancia e prosa.
Entre as névoas de Londres pranteava
as saudades da lua de Coimbra;
e hoje ainda os seus cantos nos despertam
n'alma affectos suaves, como á noite
o amoroso vibrar de uma harpa eólia.

VIII

11 de Maio de 1632. — Morte de Frei Luiz de Sousa.

Com essa alma poetica se entende
no eterno Mundo outro poeta grande.

*

Em seiscentos e trinta e mais dois annos,
onze do radioso mez de Maio,
numa cella pobrissima do velho
mosteiro de Bemfica, inunda o pranto
as faces de alguns monges, junto ao leito,
onde se extingue, resignado e triste,
o grande mestre, o artista primoroso,
o affectuoso prosador. Ao longo
dos dormitorios já soaram lugubres
as *tábuas* da agonia. A mente adeja-lhe,
percorre pressurosa o espaço andado,
vê as glórias de outr'ora, o nada, o sôpro
do amor terreno, e confiada achêga-se
aos celestiaes amores de alem-mundo.
Se o lavor d'elle não lhe houvesse erguido
tão alto a estátua, alçava-lh'a a tragedia
da penna de Garrett, collosso de arte,
padrão primacial do genio de ambos.
Oh claustros de Bemfica, oh êrmos placidos
do laranjal da cêrca, vós ouvistes

os devaneios d'elle, os seus suspiros.
Vistel-o divagar, sentar-se ás tardes
junto á fonte do Sátyro, pensando,
limando phrases. Viu-o a nave austéra
prostrado, afugentando como espectros
as lembranças de outr'ora. ¡Que distancia
do gentil cavalleiro ao triste frade!
Paredes do cenobio Joannino,
sombrias e caladas confidentes
fostes á sua viuvez. Ainda
Frei Luiz em vós habita. Santuario
heis-de ser sempre ás Letras, e as saudades.
Quando na solidão concentro o espirito,
vejo na pobre meza o candieiro,
a papelada morta, as pennas sêccas,
o tinteiro vazio.

*

Nada ha triste,
como o desconsolado desamparo
de um bufete de estudo, quando a ausencia,
a eterna ausencia, o despovoou. Recorda
viçosa herdade, em que o cultor sollícito
andou lavrando, transformando o solo,
semeando pinhal; já cada canto
o conhecia; a horta, a fonte, as árvores
eram todo elle.

Um dia a mão da morte
varreu o sitio, retalhando a terra,

alheando-a, esquecendo os nomes velhos,
profanando memórias. Se inda a sombra
do antigo dono ali vagueia algures,
nem saudades sequer já traz aos vivos.

IX

13 de Maio de 1699. — Nasce o 1.º Marquez de Pombal.

Silencio, affectuosos pensamentos;
chama por nós o homem de bronze, o duro
Marquez.
A treze, no expirar do seculo
dezassete, em Lisboa, abriu os olhos
o eminente Pombal. O genio d'elle
tolda-o a crueldade.

X

13 de Maio de 1744. — Nasce Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo.

Em setecentos
quarenta e quatro, Maio treze, nasce
o Frade Santa Rosa de Viterbo.
Este foi grande, e bom. O *Elucidario*
é o seu brasão; empreza vasta, hercúlea,
em que o estudo, e a sagaz perseverança
cumularam montanhas, revestidas

de arvoredo a chumbar de fructos de oiro.
Abençoemos a memoria honrada
do assombroso operario, que, no cabo
de annos setenta e oito, a penna insigne
depunha no tinteiro. Ao mesmo passo
que entregava ao seu Deus uma alma ingénua,
legava á Patria eterno monumento.

XI

21 de Maio. — Entra o Sol no signo de Gemini.

Entrado é o Sol em Gemini; são vinte
mais um do mez. Sessenta e quatro estrellas
traçam em luz este brilhante signo.
Querem alguns seja Hercules e Apollo;
outros, Triptólemo e Jasião; vêem outros
nelle Amphião e Zetho. Tem mais fóros
a versão, que os dois Gémeos encabéça
em Pollux e Castor.
Pinceis e tintas,
vinde, ajudae-me a colorir o quadro.

*

Do Principe de Sparta, o egrégio Tyndaro,
era mulher a linda, a joven Leda;
nasceu de ambos Castor.
Do Olympo Jupiter

a viu; morto de amor busca-a de balde;
repelle-o firme a primorosa dona.
Mas certa noite, em Maio, á hora em que ella
nos seus jardins, sosinha, ao rez do lago,
saboreava a solidão, deslisa
n'agua do lago um cisne. O corpo níveo,
a plumagem de prata, á luz da lua
chispam no escuro insólitos lampejos.
Leda o chama. elle achêga-se afagando-a;
e ao seio d'ella aconchegando o collo;
ella annedía o cisne, e ardente o estreita
ao coração.
¡ Quem t'o dissera, ó misera
Leda innocente! annediaste um nume;
o cisne... é Jove.
A solidão, a sombra,
foram terceiras no amoroso embuste.
D'este furto de amor apaixonado
nasceu Pollux.

*

Ligados desde a infancia
Castor e seu irmão, dormiram juntos
no mesmo berço de oiro; o mesmo affecto
os embalava; a meninice de ambos
foi egual; e ao raiar da adolescencia
o mesmo exfôrço os impelliu: ás pugnas
Pollux, ao pugilato, á briga, ao césto;
á equitação, ás ingremes façanhas

de corcéis rebellões Castor. Nas luctas
era Pollux um só; dil-o a pujança
com que um dardo movia, ou lança, ou espada;
Castor em subjugar a raça equina,
em domar, em montar, vencia a todos.
Pollux chispava lume, quando armado
irrompia ao certame; e era assombroso
Castor, quando nas festas mais solemnes
ao som de applausos, na poeira olympica
levava á meta, rédeas sôltas, quatro
seis briosos ignívomos cavallos.

*

Conscia do valor de ambos, toda a Grecia
se revia no affecto que os ligava,
juntos sempre, unidissimos, chamando
cada qual glória sua ás glórias do outro.
Concertaram-se os dois no grão tentame
de purgar de piratas o Archipélago;
em batalhas renhidas deram caça
aos bandidos navaes; novos motivos
de universal veneração.
Um dia
ligou-se toda a Grecia em alta emprêza.

*

Em som de festa as rochas da Thessalia
costeava a nau «Argos»; ia em busca

do Vellocino d'oiro. O Vellocino
eram despójos áureos do carneiro
pendurados numa árvore da Chólchide.
A nau a todas vellas fende as ondas,
que lhe insultam o róstro; a pôppa alastra
de dia a esteira argéntea das espumas,
e de noite os diamantes da ardentía.
Corre-se em pleno mar; ouve-se a chusma
em grita alegre; os empinados topes
ondulam galhardetes multicores.
Jasão, o audaz Jasão, de Iolchos Principe,
vai de Almirante; o seu passado longo,
seu denôdo, prudencia, piedade,
auguram a victoria. Se contassemos
os que a bórdo lhe vão, mais de cincoenta
nos fôra dado numerar, guerreiros
de régio sangue, homens de exfôrço e brio.
Seguem a Lemnos, vão á Samothracia,
a Asia menor costeiam no Hellesponto,
desembocam por fim no Ponto Euxino,
e dão fundo ante o muro abaluartado
de Ea, cidade capital da Chólchide.
Inflamma-os o valor, guia-os a astucia,
o Vellocino é d'elles.

*

Entre os grandes
(aqui bate o meu ponto), entre os altissimos
da companha da nau, são apontados

Pollux, Castor; cresceu-lhes o renome
com os prodigiosos feitos; a tornada
foi-lhes triumpho, a acclamação perenne.
Na volta á Grecia, Phebe e a irman Talyra,
lindas a mais não ser, alfim venceram
os juvenis galhardos vencedores.
Mas os noivos, Lynceu e Idas, reptaram-n-os.
Abre-se o campo; os quatro assomam prestes.
Lampejam furia os olhos; cada braço,
desferindo pelo ar ou ferro ou clava,
rue como assoladora catapulta.
Brigaram como feras, na estacada,
ante o espantado povoleo; foi lucta
de horas; por fim, sangrentos, destruidos...
(¿quem tal crerá?) jazem Castor e Pollux.

*

Mortos os toma Jupiter, e eleva-os
immortaes ao Zodíaco; são Gemini,
signo que fulge a baixo da Ursa grande,
do Orion a cima, á dextra do Cocheiro.

XII

25 de Maio de 1807. — Nasce o Visconde de Juromenha.

Oitocentos e sete; vinte e cinco.
Nasce em Lisboa o camoniano insigne,
que tanto amei. Do grave Juromenha

são glória o seu saber e o seu caracter.
Firme, laborioso, oitenta invernos
de exemplo a todos nós encheu prestante.

XIII

30 de Maio de 1605.
— Nasce o Senhor
D. Duarte de Bragança.

Mil seiscentos e cinco. Maio, trinta,
nobre Villa-Viçosa, nos seus paços
viu brotar, entre os jubilos sinceros
da estirpe de Bragança, o bom Dom Duarte.
Ao Duque (¡infeliz pae!) quem presagiasse
a vida d'esse filho! ¡quem nas horas
das alegrias paternaes dissera
quanta ameaça no cariz dos annos!
¡quem decifrára á mãe aquellas lagrimas!
o pranto do menino era prenuncio
dos pérfidos enrêdos tenebrosos
da barbara Castella.
A vida d'elle
foi primor de honradez; seu nobre vulto
era o de um paladim. Valente, grave,
deu novo lustre aos seus. Em viço de annos,
captivo á falsa-fé, rendeu o espirito
no exilio de Milão.
Deus, sempre justo,
quiz que um dia outro espirito bondoso,

Ramos-Coelho, o sabio, devotados
longos annos ao culto do esquecido,
em rica prosa o consagrasse, erguendo-lhe
eterno cenotaphio. Aquelle livro,
se é glória a Dom Duarte, é glória altissima
ao dedicado autor.

FIM DO LIVRO V

LIVRO VI

JUNHO

I

Entrada do novo mez.

Junho, o suave mez que inda tem flores,
e vem cheirando ao feno, o mez dos Santos,
entra em Lisboa a perfumar-lhe os ares.
Assoma alegre; negaceia bosques
colmados de folhedo, hortas e vinhas,
claras manhans, e noites estrelladas.

*

Aos reclâmos ruraes acode a turba;
despovôam-se as ruas; saem ao campo
os cidadãos das praças e avenidas;
vão ermar, como nómadas festivos,
nos *longes do arredor* entre arvoredos;
beber o olor da serra, espairecer-se
nos casaes atufados em verdura;

pascer a vista a contemplar os montes,
os campanarios emergindo a espaços
do boleado ruivo dos oiteiros;
ver o lavor da ceifa; ouvir a Missa
nas capellinhas rusticas, os cantos
das mulheres á monda, a agua corrente,
e pasmar de que as hordas casaleiras
gosem na solidão tanta alegria.
Certo é; passam sem lojas, sem theatros,
sem cafés desordeiros e maledicos,
sem jornaes; crêde-o, sem jornaes. O campo,
com o seu scenário pobre e sempre o mesmo,
é o médico das almas alquebradas.

II

Trabalhos ruraes.

Resa o ditado: *Junho, foice em punho.*
¡Alerta, lavrador! eil-a, a tua época.
Antigas tradições, usanças velhas,
impõem ao hortelão, que em Junho e Julho
semeie em chão propicio duas joias
do paladar: a couve-flôr, e os brócolos;
e accrescenta um prolóquio ao ver as fainas
do nosso clima: *Fenos altos, baixos,*
em Junho são cegados.
Ferve a lida;
as siciantes messes auri-flavas,

prenhes de pão bemdito, aguardam prestes
a invasão das companhas roçadoras.
Labuta a foice; dos ceifões ao canto
une o carro os seus uivos gemebundos.
Qual serra movediça, á luz magnífica
d'este ceo portuguez, a eira enorme
ergue o vulto; a indomavel criançada
aos mergulhos e a rir anima o quadro.
E' a festa do trabalho. Paciente
moireja o boi na trêfega debulha;
e o lavrador, grato ao seu Deus piedoso,
enche de pão os próvidos celleiros.

III

Exames nas escolas.

Outra seára neste mez se alqueiva:
a dos estudos publicos; é o praso;
fecha-se a escola; o jury dos docentes
recebe os reos.
¡ Ah, mísero estudante,
que, dando ouvido á cábula, entregaste
ao ócio, á folga, os negregados mezes!
justiceiro te aguarda o desengano.
Nestas horas de angustia, ¡ como lembram
terriveis os cavacos no Martinho,
as tardes da toirada, as seroadas
no Gremio e nos theatros! ¡ Quanto deras

por volver no Almanack algumas folhas!
E' tarde; alva vestida, maniatado,
sobes, pallido reo, a atroz patibulo,
e vês no lente o espectro da vingança.

IV

Nasce no Porto, a 7 de Junho de 1723, o Padre José Maine.

Mil sete centos vinte e tres; em Junho,
a sete, entrou na vida um justo humilde,
que, por seu porte austero e suas luzes,
nobilitou do nosso Porto a chronica:
o Franciscano José Maine.
Morto
no anno noventa e sete, inda o descubro,
e converso com elle; inda o seu rôsto
me seduz com suave bonhomia.
¿Que fez elle? ¿que fez!? ¿inda o perguntas,
Portugal de hoje em dia?!! A vida inteira
dedicou a um propósito absorvente
de sublime egoismo: reunia,
buscava, recebia, procurava,
por onde quer que andasse, alerta sempre,
collecções zoológicas, e conchas,
cerâmica, pintura, estátuas, vidros.
¿Para si? não; para regalo alheio,
para instrucção cabal de estudiosos.

Em Jesus, seu mosteiro lisbonense,
aquellas collecções, agremiadas
em vai-vens casuaes, por longes terras,
classificadas no correr dos annos,
eram deleite, ensino, incitamento
na estagnada Lisboa. O talentoso
senhor de tudo, ajuntador ferrenho,
dono legal de tantas prendas raras,
sentia-se feliz se as frequentavam:
desenhos, plantas sêccas, miniaturas,
quadros, xarões, e feras empalhadas.
Uma vez, o multíplice thesoiro
doou-o em vida ao Publico, e em legado
constituiu o seu Museu; serviço
espontâneo, bizarro, generoso,
de um pobre frade á sua terra ingrata.
— Quero que tudo te pertença, povo, —
disse elle — e que estes amplos corredores,
de Sciencia e de Arte honestos documentos,
te sirvam, e despertem na tua alma
a ancia do estudo. —

E era de ver o gôsto
da loquaz variegada romaria.
Aquellas concorridas quintas-feiras,
que em mancebo inda vi, foram ás turbas
da frivola Lisboa um praso-dado,
foram em setenta annos uma escola,
foram o anceio pósthumo de uma alma
norteada por Deus. A sementeira

a pouco e pouco alimentava os cérebros.
O operario, o ocioso, o sabio, o artista,
os estudantes, as vendeiras, todos,
sem o saber, ao fundador pagavam
feudo de gratidão.

*

Um dia, herdeiros
de tammanha opulencia, os Academicos,
das tradições mantenedores natos,
dispersaram num prompto, em almoeda,
sem mais tir'te nem guar'te, aos quatro ventos,
o legado sublime do maníaco;
em vís dobrões trocaram tanta faina,
tanta dedicação, tão longo exfôrço,
tanto desinteresse.

*

Não prosigo,
para não macular no fel da satyra
o perdão, que no abysmo de além-mundo
já concedeu aos seus demolidores
o proprio fundador, assim ferido
no seu pensar, no seu sentir. E basta.
Meu protesto, ahi ficas.

V

1502. — Junho 10. — Nasce el-Rei D. João III.

Um successo
primacial nas Lettras portuguezas
reclama o seu logar.
São dez de Junho;
mil quinhentos e dois. Vão alegrias
intensas lá nos paços do Castello,
e inundam a Cidade; ouvem-se os sinos
em som de festa; ranchos jubilosos
trocam noticias; é nascido o Principe;
a Rainha é já mãe.
Velam na camara
falando a meia-voz affectuosa
el-Rei, a Infanta Beatriz, e a nobre
Duqueza de Bragança. Abre-se a subitas
a porta; entra... um vaqueiro.
No vaqueiro,
com o seu gibão, e o chapeirão, e as botas,
conhecem logo um familiar, um moço
sempre bemvido, um dizedor alegre,
cujos chistes salgados, picarescos,
e cujas guitarradas amorosas,
são sempre o encanto dos serões. ¿Seu nome?

Gil Vicente. No trajo campesinho
meneia-se com garbo.

— Não queriam
deixar-me entrar — diz elle; — eu ás punhadas
rasguei caminho; eis-me. ¿E onde estou? ¡Que lindo
é isto tudo! Nunca vi cabana
tão especial. A gente lá da aldeia
manda-me a cá saber se sempre é certo
ter Vossa Alteza tido um pequerrucho.
Vejo que é certo; alegro-me; a montanha
e os prados trajam gala. ¡Oh! ¡que alvoróços
na Côrte de Castella! Esse Menino
ha-de reinar, Terceiro do seu Nome.
Trago ali trinta alegres matalotes;
vou chamal-os. —

E entraram, offertando
a Dom Manuel, ao pae do recem-nado,
ao Rei de Portugal, e dos Algarves
d'aquém e d'além-mar, ao opulento
Senhor da Ethiópia, Pérsia, Arábia e India,
ao grande, em cujos lares entornavam
cad'anno as naus do Oriente oiro e brilhantes,
ao pródigo, da estrella nunca vista...
um cestinho de mel, ovos, e flores.
Riram muito as Senhoras; os campónios
eram nobres da Côrte, companhia
de todos conhecida.

O estro do bardo
estreiava-se ali. Nas mesmas horas

em que nascia um Rei, brotava adulto
o drama portuguez á voz do genio.
¡Que momento! Na Historio litteraria
não n-o ha maior.

VI

10 de Junho de 1580.
— Morre Camões.

Tenho outro, mas tristissimo.
Seculo dezasseis, vais na vasante;
no anno de oitenta mesto anniversario,
em dez de Junho, enlucta as Lettras lusas.
Extingue-se em poisada humilde e estreita
no morro oriental, junto ao cenóbio
que da Avó de Jeuus memora o nome,
o singular varão, que celebrára
as armas e os varões assignalados,
o cantor do poema sobrehumano
que o peito accende, e a côr ao gesto muda.
A pallida doença lhe tocava
com dura mão o peito enfraquecido;
e elle, evocando os sonhos do passado,
murmurava talvez em voz saudosa:
— Natercia...— O mais, cerrava-lh'o a garganta.
Depois, gemia em tom sentido e lento:
— *Alma minha gentil, que te partiste...*
Tanto do meu estado me acho incerto,
que em vivo ardor tremendo estou de frio...

Refervia-lhe ainda o estro indómito;
mas lembrou-lhe o que ordena a Providencia:
que a todo o bem succeda a desventura,
e não haja prazer que seja eterno.
Sorrindo amargo, a custo sussurrava:
— *Não mais, Musa, não mais, que a lyra tenho*
destemperada, e a voz enrouquecida.
¿ Que poderia eu já querer do mundo?
De vós me parto, ó vida, e em tal lembrança
sinto vivo da morte o sentimento.
Bradava-lhe um amigo em vós suave:
— *Não succumbas, poeta, espera e canta;*
é teu genio immortal. — Elle volvia:
— *Eu já cantei, e agora vou chorando*
doces saudades da passada glória,
pelo mundo em pedaços repartida.
Calou-se; o olhar fechou-se-lhe. Raiava
no ceo, tão claro como o estro d'elle,
a matutina luz serena e fria;
e quando a alma do bardo abria o vôo,
despois de tantos dias mal gastados,
despois de tantas noites mal dormidas,
as lyras de Ulysseia a morte escura
longo tempo chorando memoraram.

. . . .

Levaram-n-o a enterrar a meia nave
da egreja de Sant'Anna; e quem passava,

lia gravado sôbre a campa humilde
um nome digno de immortal memoria;
e exclamava: — O cantor da Historia lusa
debaixo d'esta pedra está mettido. —
E quando com ternura alguem lembrava
do bardo a fé, o genio, o amor, dizia:
— *Estas virtudes raras, e outras taes,*
dignas todas da Homérica eloquencia,
jazem debaixo d'esta sepultura.

VII

13 de Junho. — Festas a Santo Antonio de Lisboa.

A' banca do trabalho eu meditava,
fronte nas mãos; neste escriptorio a subitas
raiou luz de além-mundo, e avultou nella
em solemne postura um Franciscano.
O ar sério, o claro olhar, o gesto nobre,
e um punhado de brancas assucenas,
impõem-se-me. Pergunto:
— Hóspede amigo,
¿ quem és?
— ¿ Não me conheces? — brada. Ao rôsto
um não-sei quê familiar assoma,
uma graça indizivel.
— Sê bemvindo —
respondo; — reconheço-te; são treze.

— Sim — diz; — no teu archivo de memorias
venho pedir logar.
— ¿ Como podia
deslembrar-me de ti, bemdito Santo,
peninsular de lei, tu que resumes
em ti mesmo os suavissimos anhelos
da nação e do lar? A tua vida
é a nossa Historia; o teu falar é nosso,
nosso o teu coração, tua a nossa alma.
E por que vejas que sou teu, só digo,
pallido asceta: o pobre lar venero,
onde nasceste, além, junto ás abóbadas
da velha cathedral. Os sinos d'ella,
ou os seus musicaes antecessores,
repicaram as santas alleluias
quando as aguas lustraes te bemfadaram.
De teus piedosos paes á voz cresceste,
sempre modesto e grave, assombro e exemplo
aos moços de Lisboa. Os teus recreios
eram vestir no Templo Imagens santas,
cantar nas festas, adornar de flores
o altar em que devoto ministravas,
congraçar mal avindos, aos incultos
ensinar a Doutrina, commentar-lh'a,
e repartir esmolas e caricias
com os mais pobres que tu. Crescido em annos,
votaste a Deus as tuas primaveras,
no alto cenóbio vicentino entraste;
o estudo foi teu guia; os Testamentos,

velho e novo, eram pasto ao teu engenho;
e n'alma te brotou, germen divino,
a primitiva luz das *Concordancias;*
devemol-as a ti. Depois tomou-te
o aventuroso devaneio; aos mares
te arrojaste, e, valente Missionario,
forcejaste ir plantar a Cruz de Christo
nos areiaes do Moiro. A curta vida
foi-te sonho de amor, de bemquerença;
a parenése, a penitencia, a esmola,
tudo eram para ti. Desfeito, oppresso,
Pádua te viu morrer, e luminosa
subiu tua alma ao Ceo.

¿Quem lograria
narrar as tuas fainas? ¡Que doçura
respira para nós a tua chronica,
tão curta, mas tão cheia!

*

No teu dia
celebram-te com festa solemnissima
os Edís de Lisboa; ermidas rusticas,
paróchias cidadans, trajam de gala;
por toda a parte brilha a tua lenda.
Arma-te a infancia em cada rua os *thronos.*
No páteo dos casaes e nas montanhas
accendem-se as estrídulas fogueiras,
bixas, valverdes, rodas e pistolas;

silvam no ar *os raios de artificio,*
os trémulos cometas imitando;
cantam por toda a parte as melopeias
da saudosa guitarra; e a tua Imagem
preside séria ás festas da alegria.
Pintando-te, o famoso Lusitano
eternisou seu estro; o grão Murillo,
¡e quantos! celebraram teus louvores
em telas immortaes, que ora desbanca
o serão comesinho dos saloios.

*

Recordo sempre as mui saudosas noites,
em que nos Olivaes, á beira-Tejo,
se apinhavam os ranchos camponezes
celebrando o teu culto, á luz da lua.
Convidado a assistir não faltei nunca;
estas manças folias populares
valem bem mais no seu sincero aspecto
que as vaidosas funções de uma cidade.

*

Tudo me lembra: no ar um cheiro a flores;
esfusiam foguetes; esfumadas
pela distancia ao longe trôam bombas.
Ao fundo de uma rua de latadas
orlada de alfazema, surge o *throno*,
todo luz, todo rosas; e entre sedas,

em nicho de azulejo, ali campeia,
pobre escultura em barro, um Franciscano,
sustendo (¡ ingénuo anachronismo !) o vulto
do Menino Jesus.
Ao lado a orchestra :
quatro violas, um flautim, e um bumbo.
Ao desafio no terreiro os moços
bailam cantando ; as doces melodias
tão nossas, o Marujo, a Mariannita,
cadenceia-as o truz das castanholas.
Na confusão das falas e da musica
sibila a um canto o rouxinol de barro.
Eu sinto me ¡ tão bem com a hospedagem
tão aberta e leal d'aquelles pobres !
e pergunto a mim mesmo :
¿ Que mal fazem
estas folganças innocentes ? Vejam
como estes rudes corações melhoram
co'a influencia do culto, e, no seu pouco,
manteem as tradições e os bons affectos
do velho Portugal. Gosam delicias
no seu tributo ao Santo, cuja vida
inda rescende effluvios amorosos,
taes como nesta noite abençoada
nol-os rescende o laranjal da quinta.
Deixem-n-os ; não lhes furtem o que é d'elles,
o que foi dos avós ; mesquinha herança,
talvez, mas rica em sentimentos puros.
Se viver é sonhar, quem os desperta

com brados impios, rouba-lhes venturas.
Antonio de Lisboa, ¡ sê bemvindo!
foste bom, continúas inda a sêl-o
convivendo comnosco, e semeando-nos
nas almas as violetas da bondade,
os lyrios da innocencia, os bem-me-queres,
modestas flores, sim, mas muito nossas.

*

Dos Olivaes nas tão saudosas noites
vi toda a mocidade casaleira
da cercania; o Antonio do Beato,
peregrino cantor; o Braz Canhoto,
bom guitarrista; a linda Philomena
com sua voz de crystal; o alegre Albino,
que no rir e bailar não tem parceiro;
e Assumpção, a sizuda morenita,
que aos pequenos da aldeia dava bolos,
e contava o viver de Santo Antonio,
o affecto d'Elle aos paes, os seus anhelos
para o martyrio, os cântaros quebrados
ás moçoilas da fonte (se eram bravas
ou não iam á Missa), e as santas prédicas
que Elle soube ¡ tão bem!
Fagueiras crenças,
¡ oxalá vivais sempre! Lenda e História,
sois o haver das phalanges populares,
sois o reflexo luminoso e grande
de um pensamento bom que vem lá do alto.

VIII

19 de Junho. — Morre o célebre luminador e architecto Francisco de Hollanda.

Dezanove de Junho; mil quinhentos
oitenta e quatro. Ao Ceo subiu um'alma,
que do bom Santo Antonio (vou jural-o)
foi devota, e enlaçou no nome d'Elle
flores de inspiração.
Grandes artistas
de outr'ora, almas eleitas, perfumadas
no mais puro da crença, não coravam
de ser sempre christãos. Sae d'além-mundo,
bom Francisco de Hollanda, e vem lembrar-nos
o teu amor ás artes, já bebido
nas paternas lições. Vós sacerdotes
fostes ambos do Bello; a illuminura
dos livros sacros, o retrato, o escôpro,
alimentaram vosso engenho arguto;
e o nome dos Hollandas sob a sombra
dos nossos Reis é symbolo.

IX

19 de Junho de 1731. — Nasce em Coimbra Joaquim Machado de Castro.

Outro grande,
religioso e bom nasce em Coimbra

em egual dia, ao tempo que a centuria
decima oitava numerava trinta
mais um. Perante o nome d'elle abatem-se
as bandeiras artisticas; saudam-n-o
mestre pujante, estro de fogo, as Musas;
é Machado de Castro.
Esse gigante
é a ponte magnífica entre as eras
da decadencia, e a aspiração moderna
para a verdade classica. O seu porte,
seu trato affavel, sua honesta vida,
digna corôa são do seu talento.

X

21 de Junho. — Solsticio do verão. — Entra o sol em Cancro.

Entrado é o Sol em Cancro. Ancioso inquire
o leitor: ¿Que é o Cancro?
Eis o que resam
fabulas antiquissimas:

*

Na Argólide
jazia um pantanoso lago; Lerna
era o seu nome; ao seio debruçava-se-lhe
vetusta, inextricavel ramaria.
Nesse lago habitava a Hydra, monstro

de indómita braveza; em vez de um collo
tinha sete; o silvar das sete linguas
incutia terror. Era medonho
vel-a a caso nas aguas rebolcar-se,
ou mergulhando, ou impinando as cristas.
Descuidoso viandante, que acertasse
de errar na orla ao lago, era colhido;
os gados ao redor espedaçados.
Da Hydra cruel a fama tenebrosa
despovoava as largas cercanias.

*

Ancioso de provar em feito novo
o poder do seu braço, corre a Lerna
Hercules vingador. Não o amedrontam
atoardas; cheio de alma empunha a clava,
e avança. Pressentiu-o a Hydra, e espreita;
silvam furor as bifarpadas linguas
das suas sete fauces; chispam lume
os olhos; e investindo a emmaranhada
espessura das arvores, presenta-se
ante o heroe.

Elle, impávido, aprumando
a estatura, e fincando os pés na areia,
brande o pesado lenho; impetuoso
contrasta os frenesís do bruto; evita-lhe
a mordedura traiçoeira; impulsa-o
para o charco, e no charco lodaçoso

continúa a retoiça. Ferve a briga;
elle retéza os braços; a uma e uma
corta á fera as cervizes, que renascem;
sem verem termo á indómita peleja,
ambos, espadanando em tôrno as aguas,
rugem rancores nos vaivens da pugna.
¿ Quem logrará victoria?

*

Nisto Juno,
a ciosa, intervem; lembra-lhe Alcmena;
quer vingança; não tarda; arroja ao lago
maldoso cancro, que se allapa ao fundo.
Zune o silvo da Hydra, e trôa o brado
do contendor; a rastejar afferra
o cancro um pé do heroe; as dores subitas
incitam-n-o; ergue o pé, e o cancro esmaga.
A grão poder de diligencia, alcança
accender fôgo; a densidão das arvores
vê-se em lume; o hervançal zunindo estralla;
revoluteia a labareda; a Hydra
foge doida; abandona ao braço de Hercules
a colossal conquista.

Em toda a Argólia,
por monte e valle, em paços e choupanas,
sôam sem termo os *ios* do triumpho.

*

A altiva Juno, assim zombada ás claras,
mas grata ainda ao triste cancro morto,
transporta-lhe a carcaça ao firmamento.
Vede-a; reluz nas trevas do Zodíaco;
fulgor de cento estrellas a assignala.

*

Mythólogos, dizei: ¿ que história humana
se esconde em tal ficção?
Duas.
Porfiam
uns, que da Hydra Lérnia as sete fauces
lembram viboras mil, que povoavam
infecundos marneis, e que, movído
do clamor de frustrados lavradores,
um civilisador do mundo velho,
nos tempos pre-historicos e rudes,
a ferro e fogo as destruiu.
Os outros
vêem nas sete cabeças rios vários,
que da funda lagôa se escoavam,
impedindo as lavoiras, e tornando
o campo infesto a charruões e enchadas.
Certo antigo senhor beneficente,
drenando o solo o desbravou, doando-o
ao fecundo florir das sementeiras,
e a gratidão colheu dos lavradores.

XI

**Verão de 1569.—
Peste em Lisboa.**

Ao calor d'este signo veem frequentes
assoladoras pestes, que atribulam
as várias regiões. A nossa terra
mais de uma vez as padeceu.
Relembro
uma, que deixou rasto nas memorias.
¡ Oh misera Lisboa ! em mil quinhentos
sessenta e nove abriu as negras azas
por sôbre os teus oiteiros apinhados
o Archanjo do exterminio, e perseguiu-te
inexoravel, gládio em punho. As victimas
foram milhares. Lagrimas sem conto
correram pela atónita cidade.
A cada passo via o transeunte
passarem sahimentos, escutava
em tom roufenho os Psalmos e o Bemdito;
via predios vazíos de alto a baixo;
ouvia os sinos ululando a preces;
entre a aterrada turba eram sepultos
em jazidas de egrejas e conventos,
ao dobre funeral dos campanarios,
entre as renques das tristes confrarias,
á luz das tochas, os caixões dos mortos.
Memoram assombrados os chronistas
o morticinio, os luctos.

XII

**Fallecimento do grande poeta
Doutor Antonio Ferreira.**

D'essa peste
uma victima illustre entre as mais claras
prantearam as Musas, vate e sabio,
a cuja cinza outr'ora em annos verdes
erguer ousei singelo cenotaphio,
Ferreira, o grão cantor. Seu nome ainda
sôa na Europa. Grata a minha penna
inda recorda a saudação da sua
ao quinhentista que o estimava tanto,
e a quem triste e de longe murmurava:
«Amigo, douta lima de meus versos,
«¿que pensarei que fazes lá escondido,
«d'onde me não vem prosa, nem vem rima?»
Derrubado do mal, logrou Ferreira
arrastar mezes tres entre os carinhos
dos seus; e a vinte e nove de Novembro
do anno sessenta e nove, o auctor da *Castro*
rendeu sereno ao Creador dos mundos
a sua alma de bem, glória da Patria.

XIII

Mez de Junho, o thermómetro vai alto;
sitibundos almejam camponezes
ver finda a calma, ver os semeados

a regalar-se de humidade, e o viço
volvido aos chãos.
¡ Ao campo! ¡ ao campo! é a hora;
vamos; ¿ e por que não? Se as avenidas
da brilhante Lisboa, recreando-se
em fadigosa e nulla ociosidade,
devassam mil noticias, e se entregam
a governar o mundo, aqui nós outros
nos êrmos, entre as lidas da lavoira,
tudo ignoramos do que vai; sem odios
e sem invejas mórbidas, gosamos
vagas antevisões da Primavera.
Se na gleba das Lettras uma folga
nos leva a espairecer, largando os livros,
feriando o tinteiro, eil-as as quintas
da Ameixoeira e Lumiar em festa.
Como tarda em chegar o ameno Outono,
lidam em sua vez os bois e as noras.
Já por traz do horizonte o sol se atufa
entre o basto olival; aragem branda
sopra deliciosa; a alma conhece
que se em casa, esta faina litteraria
nos retém, nos enleva, o campo, o campo
com o seu sereno aspecto, o mesmo sempre,
é a eterna a suprema poesia.
Exulta o camponez, a terra exulta;
a nora geme; fluem sussurrando
as rigueiras ao longo das latadas.
Ao rés dos cebolaes vê-se a alegria

dos teus viçosos chãos, torrão saloio,
quando os infiltra a fresquidão fecunda
da veia crystallina.

. . . .

De Junho ia traçando os varios quadros
minha timida penna; a mêdo, a custo,
proseguia na faina; ia rompendo
no papel, como em terra de lavoira,
leiras de versos. Declinava a tarde;
recolhiam as aves, e um suave
torpôr, nuncio fallaz de optimos dias,
ia envolvendo a Natureza.
Eis súbito
trôa em toda a cidade uma voz funebre,
cujos eccos longínquos ao meu êrmo
chegaram entre lagrimas: A nova
enche a Europa. Dois lugubres sicarios,
a quem os malfeitores da perfidia
acclamam como *heroes*, vilipendiaram
ás claras, num minuto, em pleno dia,
em plena turba, em plena festa, a Patria.
Dois cobardes rufiões, filhos do nada,
arruaceiros de alfurjas, apontaram
a um Throno, que se firma em sete seculos,
as suas deshonradas carabinas.
E não coraram, porque a rôsto abjecto
já não sóbe o pudor; e não tremeram,

porque mão vingadora os aniquila.
A Rainha, na escarpa da voragem,
á beira de infortunios nem sonhados,
acha entre os braços o Marido, o Filho...
¡mortos! Oh mães, aquella dor é vossa,
é d'Ella, é de nós todos. Todo o mundo
regista o feito.
Vós, ¡ quanto não dereis,
villões, por expungir do Livro eterno
vossos nomes sem nome, conquistando
obscuridade e olvido! Os meus emboras:
vive na História a vossa empreza hedionda.
Ser na História immortaes vos coube em sorte.
A' perpétua picota agrilhoados
como Judas traidor, como elle infames,
vivei, curti toda a ignomínia pósthuma.
Vosso maior castigo são os uivos,
com que alguns canibaes, de vós bem dignos,
vos acclamam heroes da Liberdade,
e as flores, com que a salvo, e sem rebuço,
a escória lamacenta ousou cobrir-vos
as despreziveis covas, afrontando
a paz do cemiterio, e polluindo
a justiça de Deus. Eterno oppróbrio
esses applausos são, que a tanta audacia
completam a deshonra.
¡Oh! basta, basta.
Deponho a penna.
Em vão tentára ainda

chamar a inspiração, reanimar-me
ao fecundo calor da avita História,
e insculpir no frontão do templo augusto,
fastos de Portugal, glórias eternas.
Já nada posso; as horas da desgraça
deixaram-me de lucto a mente e o estro.
Não; já não sei cantar, se a patria chora.

1905.

FIM

OVID·FAST·VI·MVLTA ANIMO VIDIT LVMINE CAPTVS ERAT
Dez. 1917